

Oferta
-0. NOV. 1998

AVULSO

1.20 ESC.

ANO III-N.º 112

8

JULHO
1943



As varinas são sempre um motivo na paisagem humana. Aqui, em Aveiro, no Pôrto, a sua alegria, os seus trajes são o grão alacre na aguarela de que se veste a nossa terra.

Foto MOREIRA

Vida
Mundial

ILUSTRADA
Semanário gráfico de actualidades

AQUI entre Nós



GOMES MONTEIRO

Um escritor que o público conhece e aprecia na medida do seu valor. Acaba de traduzir «Inês de Castro» — uma peça em três actos, de Victor Hugo, e que o saber de análise e de investigação do tradutor soube valorizar com um prefácio muito completo e expressivo.



CASAIS MONTEIRO

Poeta, jornalista e escritor. A sua personalidade desdobra-se em múltiplas expressões do melhor recorte literário, e desse mérito se dá conta lendo o seu último livro de poesias: «Noite aberta aos quatro ventos», ilustradas por António da Costa.



CORONEL LOBO DA COSTA

Foi há seis anos chamado para governador civil de Lisboa, cargo que tem desempenhado com a maior isenção e larga competência. Há dias, as Câmaras Municipais do distrito prestaram-lhe expressiva homenagem.

«ONDE fazer a nossa cura de águas?» — pergunta o ilustre hidrologista dr. Ascensão Contreiras ao abrir o seu recente volume sobre as nossas estâncias termiais. Eis uma pergunta, tanto mais oportuna quanto é certo que os meses de Julho e Agosto são os dois grandes meses das termiais. Portugal é, indiscutivelmente, um país de largos recursos hidroclimáticos. Há, por assim dizer, águas para todas as doenças — e para todos os doentes. Obesos, dispépticos, hepáticos, reumáticos, cardíacos têm aqui o seu Lausperene. Nem todos a água curará; há ainda muitos que preferem a cura pelos vinhos; mas é fora de dúvida que uma estadia nas termiais produz um salutar equilíbrio de funções na idade madura e, como afirma o dr. Ascensão Contreiras, para a gente nova os banhos das Caldas constituem, muitas vezes, o préambulo que conduz aos banhos da Igreja. Mas onde fazer a nossa cura de águas? — repetimos a pergunta. Para obter resposta interroguemos V. Ex.ª não apenas os seus médicos mas também as suas filhas solteiras...



NO Rio de Janeiro faleceu um português que, tendo ido, de Portugal, muito novo, no Brasil enriqueceu, numa vida de trabalho insano. Pois esse homem morto, há dias, na miséria. E morreu na miséria porque, sendo rico, gastou toda a sua fortuna, nas apostas das corridas de cavalos. Os cavalos foram para este homem a sua alegria — e o seu infortúnio. «Não apostes nunca na tua mulher, nem nos cavalos alheios — afirmou certo psicólogo». Pelo que diz respeito à primeira afirmação não faltará quem dela discorde; pelo que diz respeito à segunda, o caso deste português, falecido agora no Rio de Janeiro, deve fazer-nos reflectir, a todos.



RECORTAMOS, ao acaso, da nossa estante estes pensamentos acerca das mulheres: «As mulheres possuem tanta imaginação que

Inventário & Balanço

PELO FALAR...

ENTROU oficialmente em vigor o acordo telegráfico com o Brasil, que permite a utilização desse sistema de comunicações por uma taxa acessível e igual para todos os pontos do território nacional — colonial ou ultramarino. A interdependência mental, de afinidade e desejo de compreensão é tão evidente como profunda. No entanto, nem por isso deve deixar de assinalar-se o feliz acontecimento, porque é pelas realidades palpáveis que se traduzem verdadeiramente as realidades psicológicas.

COINCIDÊNCIAS DESNECESSÁRIAS

Os ouvintes de rádio terão notado esta coisa singular: está a Emissora a dar notícias, o Rádio Clube dá notícias também; se o Rádio Clube põe um fado e o ouvinte se quer evadir da alcunhada «canção nacional», é tarefa baldada porque, à mesma hora, se garganteia no mesmo tom ao microfone da Emissora; se há dios programas de ópera ou de música sinfónica nos dois postos, não há maneira de ouvir os dois porque os dão ao mesmo tempo. Não haverá melhor maneira de estabelecer uma tão incompreensível concorrência? Não haverá uma comissão organizadora ou revisora de programas que nos valha?

UM GESTO DE PREÇO

Guilhermina Suggia, que tem um retrato na galeria de Windsor e tem tocado por esse mundo fora para públicos do mais alto requinte, decidiu-se agora a apresentar-se perante o público do Coliseu — que também tem direito à vida. Mas, para bem se acentuar a importância desta excelente decisão, a distinta artista dispôs que os seus honorários desse concerto revertessem para obras de assistência. Benditos quarenta contos de que a artista abdicou em tão senhoril e assinalável rasgo de generosidade!

TRADIÇÃO A MANTER

A Casa Pia completou 163 anos. Eis uma oportunidade que escapou aos amadores de estatísticas: quantos rapazes de futuro incerto se fizeram homens dignos e valiosos durante o tempo de existência do magnífico instituto? Da fundação do Intendente Pina Manique bem se pode dizer que goza, no seu género, de um prestígio à parte. 163 anos de existência útil e fecunda são uma embalagem preciosa para um ritmo que não se pode deixar perder.

ALEGRIA E SAÚDE

Começaram a funcionar várias colónias de banhos para crianças pobres. Tudo quanto se faz nesse capítulo é precioso: maravilhoso seria tudo isso multiplicado por número que chegasse ao total de quantos precisam. A saúde que se ganha não é só a robustez do corpo, o arejamento do organismo. É preciso ter visto alguma vez a alegria nova dessas crianças para medir justamente o alcance desse benefício.

não podem ter muita lógica.» Valle-Inclán; «A mulher é o mais lindo defeito da Natureza.» — Milton; «As mulheres preferem os livros que as divertem aos que as ensinam.» — Du Bos; «A mulher que escreve comete dois erros: aumenta o número de livros e diminui o número de mulheres.» — Alphonse Karr; «As mulheres estão sempre a pensar noutra coisa.» — Alexandre Dumas. «Para dar um mau conselho mais sabem as mulheres do que os homens.» — Setanti; «As mulheres são como os advogados: quanto mais falam menos razão têm.» — Larreta.

Mas afinal porque será que os homens — pelo menos muitos deles — dizem tanto mal das mulheres? A razão é simples: é porque não podem passar sem elas.



ARTUR PORTELA

Um grande jornalista em que a expressão romântica toma formas de plástica moderna. O seu último livro, editado pela Inquérito, intitula-se «Os mortos falamos», e é uma excelente evocação de figuras erguidas da poalha do tempo.



ARMANDO FERREIRA

«Os meus fan-tóches», é o título do novo livro de humorismo de um dos mais saborosos humoristas da nossa geração. Nesta nova colecção de crónicas, Armando Ferreira mantém o espírito de esultante graça que fez os seus livros dos mais queridos e procurados do público.



MAURICIO DE OLIVEIRA

Depois de uma série larga de livros sobre a guerra — alguns dos quais atingiram verdadeiro êxito — deu-nos Mauricio de Oliveira mais um volume de todo o interesse: «A Batalha continua», em que o autor nos dá a história do conflito actual desde o raio de 1911, até à entrada do Brasil na guerra.

NO dia 7 de Julho de 1863 — preferiram-se agora 80 anos — foi votado na Câmara dos Deputados o projecto de lei que extinguiu a pena de morte em Portugal para os criminosos civis. Eis uma data que deve recordar-se. Portugal deu um grande exemplo à Europa. Vítor Hugo escreveu que abolir a morte legal, deixando à morte divina todo o seu direito e todo o seu mistério, representava um progresso augusto. Grande verdade.



Vida MUNDIAL e ilustrada
PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS
DIRECTOR: JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
EDITOR E PROPRIETÁRIO: JOAQUIM PEDROSA MARTINS
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GARRETT, 80-2.º — LISBOA
TELEFONE: 25844

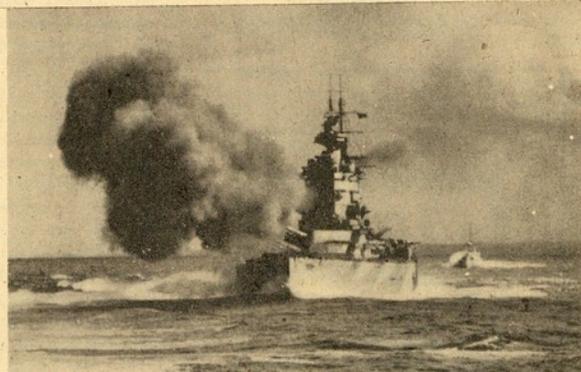
OS EXÉRCITOS DAS NAÇÕES UNIDAS PREPARAM-SE NO NORTE DE ÁFRICA PARA INVADIR A EUROPA?



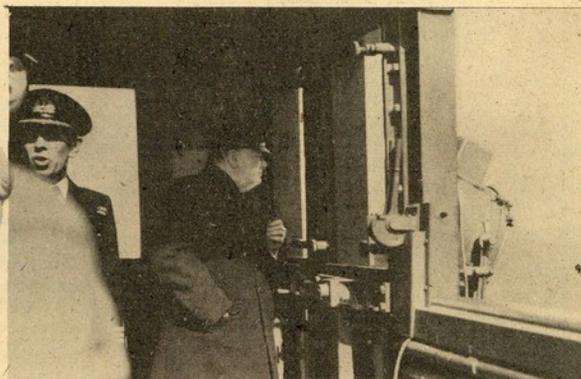
Vêmo-lo, em seguida, a passar revista a soldados paraquedistas das tropas britânicas que, segundo todos os indícios, estão a treinar-se para operações de desembarque em qualquer parte da Europa.



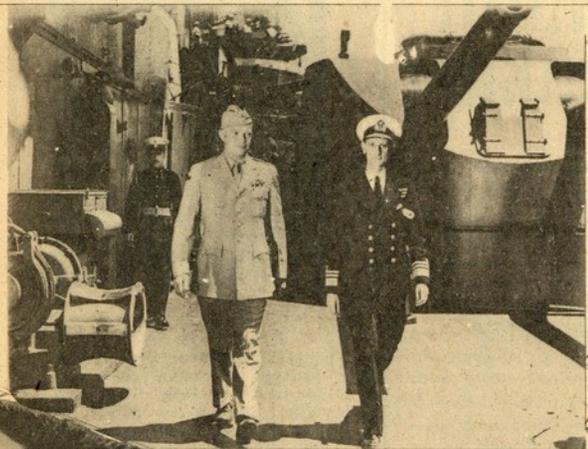
Tôdas as forças, de resto, sofrem intensos treinos, e ninguém pode avaliar de quais sejam presentemente os efectivos no Norte de África. Aqui vemos um desfile de tropas aliadas em Tunis, perante os generais Alexander, Anderson, Eisenhower, Giraud e Tedder.



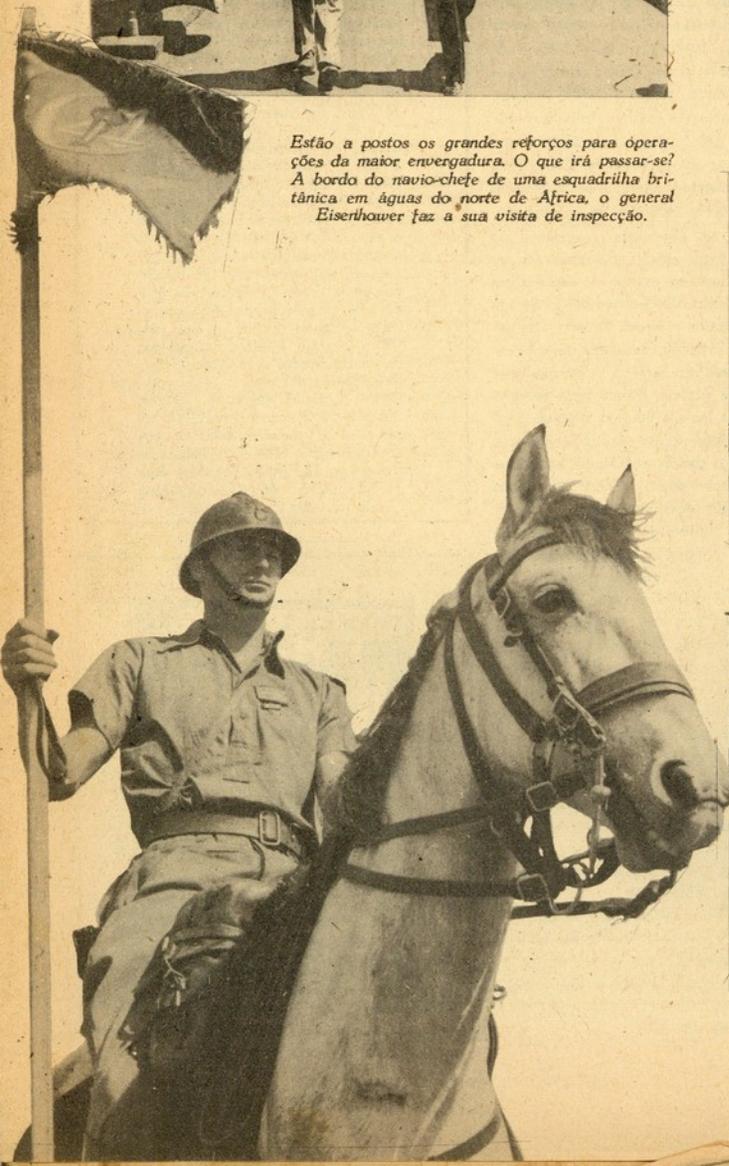
Entretanto, a luta continua acêsa por tôda a parte, e a marinha mantém-se vigilante. Pelo menos, é o que nos mostra o couraçado «Nelson», que, com canhões de 16 polegadas, faz fogo intenso contra o inimigo.



Por outro lado, a recente viagem aos Estados Unidos, do Primeiro Ministro Winston Churchill é um sintoma de que estamos em vésperas de grandes acontecimentos de guerra e políticos. Na foto, vemos Churchill na ponte do comando do navio que o transportou à América.



Estão a postos os grandes reforços para operações da maior envergadura. O que irá passar-se? A bordo do navio-chefe de uma esquadilha britânica em águas do norte de África, o general Eisenhower faz a sua visita de inspecção.





3 ARTISTAS DA "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA" VAO EXPOR EM LISBOA!

TINHAMOS já anunciado para breve uma exposição de conjunto, promovida pela «Vida Mundial Ilustrada». É uma homenagem a três dos nossos mais queridos e valiosos colaboradores: os caricaturistas Stuart de Carvalheis, Manuel Santana e José Correia — o Zeco, como o público o conhece.

Por que levamos a efeito esta exposição que o Clube dos «100 à Hora» acarinhou particularmente, cedendo-nos o seu salão de exposições?

As razões devem andar bem dentro da compreensão de quantos folheiam habitualmente estas páginas: Stuart, Santana e Zeco são três ilustradores, três caricaturistas da nossa revista. O seu lápis, a sua pena brilham nas melhores páginas deste semanário — mas uma publicação não passa nunca de uma dúzia de páginas ligadas por um

arame que, mal se lê, passa à categoria das coisas menos úteis. A arte fica assim condenada a um prestígio, a uma dispersividade e a uma recordação efémera — e só um conjunto nos pode realmente fazer avaliar do montante da obra e da arte de cada um.

Ai está, pois, porque vamos fazer a exposição no Clube dos «100 à Hora», a inaugurar, com a presença de entidades oficiais, no dia 10 do corrente. Nela apresentarão os três artistas muita coisa já revelada através de páginas desta e de outras revistas; mas lá encontrará também o público muita coisa nova, muito trabalho inédito, fresco de tinta, macio de carvão, trabalhos que vão ganhar com a proximidade do público e que serão o melhor elogio dos expositores. Todos eles, de resto, são já conhecidos dos que se interessam por coisas de arte. Zeco conheceu já os seus momentos de triunfo, em exposições anteriores, no S. P. N., com o Grupo dos Humoristas, em salões particulares; Santana expôs já também em Lisboa e veio da África do Sul precedido de um nome a todos os títulos notável; Stuart — deixámo-lo para o fim, proposadamente, para falarmos dele com o relêvo que merece... Em qualquer parte que não fosse Lisboa, Stuart teria feito já uma fortuna. O seu lápis é mágico, as suas ilustrações cheias de observação, traduzem sempre um anseio e um traço caricatural, aquele traço que só os grandes artistas sabem sempre encontrar, mesmo quando olham as cenas trágicas da vida. Podia, pois, ganhar milhões de escudos — este artista que mal ganha milhões de centavos. Boémio de espírito e de idéias — é sempre ele mesmo: Stuart artista. E é a essas qualidades que poderíamos chamar de eminentes, sem cair em exageros ridículos, que «Vida Mundial Ilustrada» vai prestar homenagem, durante o período que durar a exposição. Numa sessão — se fosse solene não nos perdoaria o bom Stuart a inconveniência! — ser-lhe-á prestada uma sincera homenagem, de que falaremos mais amplamente, no próximo número.

Por agora, basta-nos acrescentar que na sessão de abertura — foram convidadas entidades oficiais — falará dos artistas o nosso prezado colaborador Dr. Luis de Oliveira Guimarães que vai visar os expositores e a exposição com a verve que os leitores já lhe conhecem.

Lá irão ouvi-lo e apreciar de perto o valor dos nossos ilustradores e caricaturistas todos aqueles que habitualmente lêem a nossa revista e que ficam desde já convidados a assistir à inauguração da exposição.

Até, pois, daqui ao dia 10...

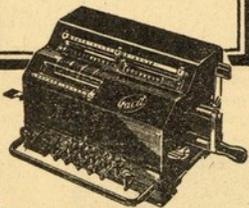
O MISTERIO da mulher que NUNCA ENVELHECE



Nem uma gelha, nem uma ruga aos 45 anos. Uma pele clara, avulhada, impecável, de rapariga. Dir-se-ia um milagre, de rapariga. Dir-se-ia um milagre, mas há uma explicação científica. Tais são os efeitos mágicos do «Biocel» a assombrosa descoberta do Professor Dr. Stejskal, da Universidade de Viena de Austria.

O Biocel é o precioso elemento natural da mocidade indispensável a toda a pele avulhada e sem rugas. O Creme Tokalon, Cór de Rosa, contem-o actualmente. Alimenta e rejuvenesce a pele durante o sono. V. Ex.ª levantar-se-á cada manhã mais rejuvenescida. As rugas e as gelhas desaparecem. De dia empregue o Creme Tokalon, alimento da pele, de cor branca não gorduroso, a-fim-de tornar a sua pele fresca e clara e fazer desaparecer os pontos negros e as imperfeições. Rejuvenesça dez anos e conserve-se jovem! Livre-se dessa cor terrosa, recupere a frescura e firmeza da sua pele. A venda em todas as boas casas do ramo. Não encontrando dirija-se ao Depósito Tokalon, Rua da Assunção, 85 — Lisboa — que atende na volta do correio.

Para Cálculos rápidos



Só com 10 teclas. Controle de inscrição. Transporte total das dezenas nos 2 registos. Cómoda para pôr a zero. Mecanismo completamente fechado.

Facit

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO AMERICANA, L.^{da}
Rua da Prata, 145 R. São da Bandeira, 330
LISBOA PORTO

PASTA MEDICINAL

Couto

Evita a doença da boca

A VIDA DO "REI" DO AUTOMÓVEL...

QUANDO

Henry Ford

VEIO À EUROPA PARA
ACABAR COM A GUERRA ...

HENRY Ford, o «rei do automóvel», o grande chefe de indústria de extraordinário gênio comercial, o homem que um dos mais notáveis escritores americanos satirizou impiedosamente, foi nos seus bons tempos acometido do delírio da onisciência. Vão decorridos pouco mais de vinte anos e parece ter sido há séculos...

Figura de relevo no mundo da indústria, escutado como um oráculo por todos quantos estavam ligados à vida dos negócios, Ford julgou-se, em dado momento, capaz de discutir e resolver todos os problemas que então, como hoje, afligiam os humanos. A sua popularidade tornara-o uma das grandes figuras americanas — e «Babbitt», duma credulidade ingénua, «bebia-lhe» as palavras.

Agosto de 1914. A fogueira da guerra ateava-se na Europa e bem depressa, tal como hoje, as suas labaredas envolviam o mundo. O continente americano não podia ficar indiferente. Nos Estados Unidos os acontecimentos eram seguidos com o máximo interesse. Todos os dias, «Babbitt» perguntava: que pensará Ford? E não tardou que o magnate de Detroit tomasse uma atitude: declarou-se pela neutralidade da América. Só mais tarde viria a compreender que os acontecimentos são mais fortes do que a vontade dos homens.

O tempo foi passando. Um após outro, os países europeus iam entrando na contenda. Os campos de batalha transformavam-se em imensos cemitérios. A morte ceifava a juventude europeia.

Entretanto, os pacifistas americanos proclamavam a necessidade de se pôr termo à carnificina. Entre os que lutavam sinceramente pela paz do mundo, destacava-se Rosika Schwimmer, uma húngara que a guerra afugentara do seu país e que fora continuar na América a sua campanha em prol dos direitos da mulher.

Um belo dia, Rosika tomou uma decisão. E foi procurar Ford, que a recebeu cordealmente. Falou-lhe dos horrores da guerra e da humaníssima tarefa que consistia em chamar os homens à razão. A certa altura da entrevista, Rosika expôs ao famoso industrial os seus planos: uma grande delegação dos pacifistas americanos visitaria os países neutrais, afim de lançar as bases duma grandiosa reunião de representantes das nações que se mantinham à margem do conflito. E dessa reunião sairia uma comissão encarregada de intervir como medianeira junto dos beligerantes.

Ford ficou encantado com a idéa. Era uma oportunidade única de fazer com que os jornais falassem outra vez da sua pessoa. Homem de acção, procurou logo levar por diante a iniciativa. Daí a pouco estava em Washington e falava com Wilson. O presidente ouviu-o atentamente, mas no final informou-o de que, como chefe de Estado, não podia apoiar a sua idéa. Mas a falta de apoio oficial era uma ninharia para aquêle mecânico de gênio, cabeçado como um camponês.

Novembro de 1915. Ford fretou um navio, o «Oscar II», e convidou os pacifistas americanos a acompanharem-no na sua cruzada. Lançou então o seu famoso «slogan»: «fazer sair os homens das trincheiras antes do Natal». Foi a notícia do dia na América. Sempre crédulo, «Babbitt» acreditou em que a guerra ia acabar, pois a gente da Europa não resistiria à dialéctica de Ford. Tanto mais, éle que assim falava, era porque tinha as suas razões...

Com o auxilio de Rosika e dos seus novos amigos pacifistas, Ford elaborou uma lista das personalidades a convidar para a viagem e entre as quais figuravam um Secretário de Estado e os governadores dos 48 Estados da União que, com



Henry Ford, o grande magnate da indústria norte-americana, conversando com um dos mais famosos jornalistas dos Estados Unidos.

excepção de um, declinaram cortêsmente o convite. Ford não percebia nada de politica.

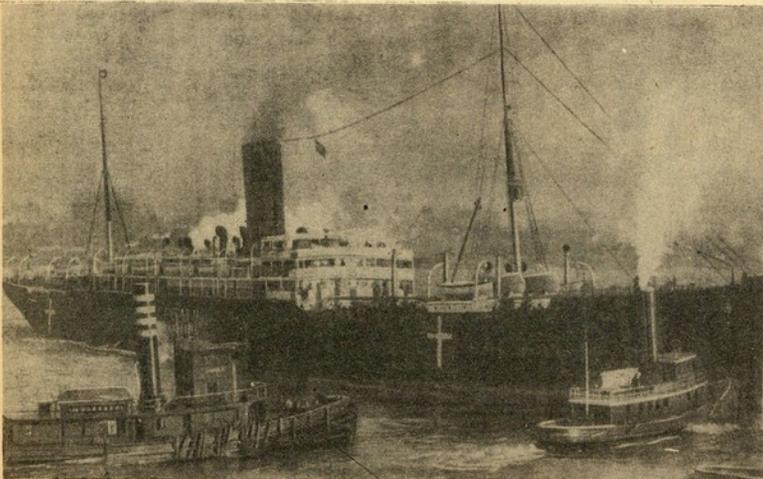
Até que o «navio da paz» levantou ferro, por entre as esperanças de uns e os sarcasmos de outros. Seguiam a bordo cinquenta e quatro jornalistas. Tendo sido negado convite ao jornal londrino «Daily Mail», o seu enviado especial teve artes de se introduzir a bordo. Só deram por éle quando o navio já ia no alto mar.

E só durante a travessia do Atlântico, o ingénio Mr. Ford começou a perceber muita coisa que nunca compreendera. Não era mais do que um novo D. Quixote — mas mais grotesco. A bordo do «navio da paz» ninguém se entendia. Aquilo era uma turbamulta de bem intencionados e de aventureiros.

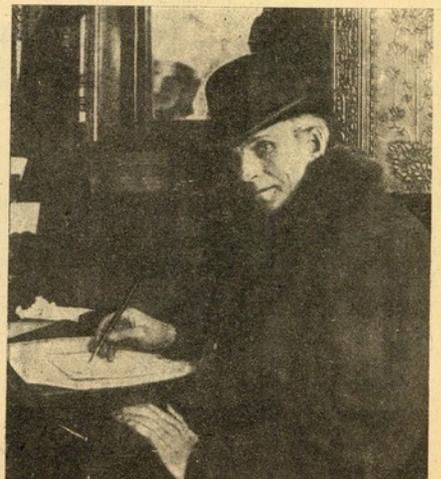
A saúde do «rei do automóvel» ressentiu-se. Quando o navio chegou a Oslo, Ford foi levado para um hotel. Recolheu à cama. Agora, o seu maior desejo era voltar para casa. E assim fez, no primeiro barco que saiu com rumo à América.

O «navio da paz» perdeu todo o interesse, caiu no esquecimento. Os seus tumultuosos passageiros escoaram-se em todas as direcções. E o «Oscar II», que foi uma esperança para aquêles que acreditavam na força dos homens sobre os acontecimentos, ficou a apodrecer no cais, enquanto que lá longe, do outro lado do Atlântico, Ford organizava o fabrico de material de guerra para os Aliados.

ANTONIO BROCHADO



O «Oscar II» pronto a largar para a Europa, na sua missão de paz...



Na sua cabine do «Oscar II», Ford elabora projectos...

OS SOLDADOS BELGAS

lutam em todas as frentes



EM TERRA...

Graças a um treino intenso na Grã-Bretanha, e ao seu excelente moral, contam-se entre os melhores soldados das Nações Unidas que não lhes negam os mais rasgados elogios...

NOS MARES...

sujeitando-se a treinos consecutivos, de eficiência absoluta, para que a luta oceânica não tenha tréguas enquanto não for decidida a sorte das armas, os belgas mantêm-se vigilantes, à espreita dos submarinos...



NO AR...

...sob o estímulo activo do ministério da Guerra, à frente do qual está o sr. Camille Gutt, que se vê na foto entregando ao seu Exército do Ar um estandarte glorioso ganho no campo de batalha!



Por toda a parte, pois, por todos os continentes por onde a guerra alastra, a Bélgica mantém-se ao lado das Nações Unidas, cerrou fileiras na luta por um mundo de paz que é o mais trágico motivo de todas as guerras. Grande potência colonial, a pátria do rei Alberto prepara aí os seus grandes efectivos. Vêmo-los aqui, belgas negros do Congo, magníficos soldados ao lado de quaisquer grandes soldados. E vêmo-los depois, durante o desembarque de um corpo expedicionário para se incorporarem num exército dos Aliados, a caminho da morte ou da vitória...

"AMOR DE PERDIÇÃO,"

GRANDE "TIRO" DO CINEMA PORTUGUES

Por AUGUSTO FRAGA

NA minha carreira de escrevinhador de coisas cinematográficas, sempre ouvi falar do «Amor de Perdição» como o grande «tiro» do cinema nacional. Lembro-me até de certas piadas que, em tempos, se jogavam àquêles que defendiam tal opinião e eu próprio quasi cheguei a dar-lhes razão. Hoje, não me importa que os dêsse tempo e dessa opinião se escandalizem com a minha nova atitude e me chamem catavento e outras coisas variáveis e inconstantes. Se caírem daí abaixo, perdem o tempo e o feitiço, porque estou muito resolvido a tomar hoje a defesa do público e nada me fará descreer das razões que tenho para o fazer.

«Amor de Perdição» é o romance de afeição profunda e doentia da literatura portuguesa, na qual desempenha as funções equivalentes que cabem, em França, à «Dama das Camélias». Ambos fizeram chorar a geração romântica que lhes firmou a reputação. Ambos resistiram à evolução dos costumes e dos sentimentos, continuando a manter uma celebridade anacrônica, difícil de explicar, mas indiscutível. Ambos conquistaram o cinema que lhes afirma a consagração contemporânea em versões mudas e sonoras. Ambos gozam, ainda, do prestígio divulgado e definitivo, sintético e dominador, dos títulos que os designam — «Amor de Perdição» e «Dama das Camélias» — títulos que sugestionam mais o público do que a audácia de todas as críticas desfavoráveis. Além da influência comercial do título, «Amor de Perdição» dispõe, ainda, de um agente de atracção: a veracidade já lendária do assunto, incerta, mas piedosamente acolhida com a mesma fé que os dogmas excitam.

Isto tudo justifica que hoje, como ontem, se considere a obra de Camilo como um negócio positivo do nosso cinema. Os filmes de amor e ódio, violentos e apaixonados, especialmente quando a verosimilhança assenta no pretexto histórico duma época ou dum acontecimento e quando o interesse é arrastado num impeto romântico bem imaginado, conquistaram preferências. Exercem um predomínio evidente no espirito dos espectadores. Há muito tempo já se pensava assim, quando um punhado de heróis resolveu meter ombros a uma empresa de vulto: fazer um filme com o «Amor

de Perdição». Dissemos um punhado de heróis, porque em Portugal é preciso ser herói para fazer cinema. O filme fez-se e o romance de Camilo, traduzido no celuloide, foi falado e aplaudido. Volvido todo esse tempo, volta ao «écran» o mesmo argumento. Gostaríamos de poder marcar o confronto entre as duas obras. Para depreciar a primeira? Nem por sombras. Para prestar homenagem aos pioneiros do cinema português que logo viram nesse romance um seguro êxito comercial. E, ao mesmo tempo, marcar a evolução da nossa arte cinematográfica, afirmar que temos progredido, ainda que reconheça ser muito difícil, senão impossível, marcar o que tem sido o calvário de trabalhos subido dolorosamente pelos primeiros e, da mesma maneira, trepado agora pelos de hoje. Essa montanha em Portugal ainda não tem elevador...

Parece-me, ainda, que «Amor de Perdição» é verdadeiramente o tipo do argumento fotogénico. O cinema é fotografia. Mas duma boa fotografia não deriva, inevitavelmente, um filme impeccável e excepcional. Contudo, a composição das imagens, a sua limpidez, a distribuição de luz e sombra, a luminosidade e transparência da sua atmosfera, a harmonia do seu conjunto, contribuem, duma maneira decisiva, para valorizar o filme. E compreende-se que, num espectáculo em que o prazer espiritual é apreendido pelos olhos, em que o meio descritivo é de carácter visual, a fotografia, que é a sua forma de expressão, adquira uma importância fácil de sentir, tanto maior quanto mais pode contribuir para a beleza da realização. Através das imagens de publicidade que tenho visto do filme, parece-me que António Lopes Ribeiro é desta opinião também. Pensou ser indispensável para dar «actualidade artística» ao romance de Camilo adorná-lo com certas pompas, com aquêles quadros faustosos, com aquela amplidão de salões polidos, onde os reflexos da luz são suaves, com aquêles luxo de vestuário feminino, com aquela magnificência palaciana, com aquêles conjuntos opulentos de figuração — com aquela soma de qualidades que podem nem sempre dar qualidade cinematográfica, mas obrigam com certeza a mergulhar a vista numa sumptuosidade de sonho.

1) «Teresa», Carmen Dolores; 2) «Marianas», Eunice Colbert; 3) «Simão Botelho», António Vilar; 4) «João da Cruz», António Silva; 5) «Domingos Botelho», Assis Pacheco; 6) «Tadeu de Albuquerque», Barretá Poeira; 7) «Baltazar Coutinho», Igrejas Caeiro.



Actualidades GRÁFICAS



O Clube dos «100 à Horas» distribuía prémios aos cantoneiros e chefes de estradas que no ano anterior melhor carinho e disvêlo puseram no cumprimento da sua missão.



O prof. Paúl Grümmer apresentou os seus alunos num concerto que se efectuou no S. N. dos Músicos. Na foto, à esquerda do sr. Grümmer, vê-se o director do Conservatório, sr. dr. Ivo Cruz.



Foram uma notável lição as conferências que o geólogo inglês, sr. Walter Grabham realizou na Sociedade de Geografia, para nos falas do Egipto.



A Secção de Teatro do Conservatório Nacional apresentou os seus alunos numa prova final em que tomaram parte professores daquele mesmo organismo, representando, no D. Maria, o «Velho da Horta», de Gil Vicente.



Na Regata Océânica, para disputa do troféu «Dr. Oliveira Salazar», saiu vencedora a tripulação do «Trapy» que vemos ao lado dos membros do júri das provas.



Em Espinho, efectuou-se um sarau que teve a colaboração de banhistas e naturais daquela linda praia. O produto da festa, que foi graciosa e muito concorrida, reverteu a favor da Misericórdia local.



Maria Sidónio, a graciosa vedeta da Rádio que ingressou com êxito no Teatro, foi alvo, no Pórtio, de uma simpática manifestação, por parte dos representantes dos jornais nortenhos e lisboetas.



O sr. dr. Adriano Rodrigues é o novo reitor da Universidade do Pórtio. O acto de posse efectuou-se, há dias, com o cerimonial do costume, sendo o ilustre empossado muito cumprimentado.

CALCADA DA GLÓRIA

A MANEIRA... DE ARTUR PORTELA

A meia da tarde, pontualmente, Artur Portela desce do «Diário de Lisboa» pelo Loreto e vem tomar a sua xícara de chá com torradas numa pastelaria, ao Camões. O chá é a sua ilusão; as torradas — a sua realidade. Vem sempre pelo mesmo passeio singrando por entre a multidão cinzenta como se acostumar a singrar por entre os «tipos» dos granéis. Escolheu um caminho e segue-o. Baixo, entroncado, cara rapada, óculos, ar pachorrento, está longe de corresponder fisicamente ao seu estilo impressivo, vibrátil, nervoso, saltitante. Escreve, escreve sempre.

A pena do Portela! O aparo de ouro do Portela!

Os seus artigos, as suas crônicas, transbordam «Champagne». Nada o detém. Quando lhe falta a tinta — escreve a lápis. Através das suas palavras não falam apenas os vivos: falam também os mortos. Agora mesmo escreveu um livro que é um Panthéon em cuja penumbra gloriosa há sombras que se movem e gesticulam e conversam, recordando o passado, quiçá, suspensas do juízo eterno. Mas é ainda «Champagne» em espuma que as envolve, caindo da grande taça do Universo. «Os mortos falam!». Só é pena que, muitas vezes, os não oçam, na esplendorosa eloquência do seu silêncio!

DOENÇAS DE NUTRIÇÃO

O ilustre médico de doenças de nutrição, dr. Ernesto Roma, mudou o seu consultório para o andar de cima da pastelaria «Bijou», na Avenida.

— Para cima da «Bijou»? — perguntou-lhe um colega.

Logo o dr. Ernesto Roma:

— Para um especialista de doenças de nutrição estava indicada a vizinhança duma pastelaria ou dum restaurante.

E num sorriso:

— É mais cómodo para os doentes.

AS DUAS MENINICES

Segundo nos informam vai ser permitido banharem-se, de tronco nu, as crianças até aos doze anos — e os homens com mais de setenta...

DOIS MECENAS

Em curto espaço de tempo o jornalismo brindou o teatro com dois empresários, Mário Pires e Fernando Ávila. Digam lá que o jornalismo não faz Mecenas!

São João... Corrêa de Oliveira



João Corrêa de Oliveira nasceu em São Pedro do Sul; já fez vinte e cinco anos; e muito cedo enveredou, não apenas pela função pública, mas pela função literária. A semelhança de Eça de Queiroz, começou por administrador do Concelho, ponto de observação excelente para quem pretende dedicar-se às letras. Um belo dia, fez-se jornalista. No dia seguinte apareceu dramaturgo. «Os lobos», «A Ribeirinha», «A Verdade», «O Charleston», não obstante terem sido escritas de colaboração, reflectem as brilhantes qualidades teatrais que exornam — *exornam*, *c'est le vrai mot doré* — João Corrêa de Oliveira.

As duas maiores preocupações deste verão insigne são as calças — e o fígado. O corte das calças, o vinco das calças, a dobra das calças, o tecido das calças, os botões das calças, os fundos das calças, o lustro das calças, constituem a sua graça, a sua absorção, o seu cuidado. Se um homem pode definir-se por umas calças, as calças, definem João Corrêa de Oliveira. Como ele, são distintas, elegantes, vincadas, impecáveis. São das poucas calças que nesta época de grosseria, ainda beijam, respeitadamente, a mão às senhoras. A segunda absonância deste homem ilustre — é o fígado. Há três dezenas de anos que o fígado — afirma o dramaturgo — o não larga. Em contra-partida, porém, ele não larga o fígado. Odiando-se mutuamente — mutuamente se amam. O fígado, tanto falou em João Corrêa de Oliveira que se tornou literato. João Corrêa de Oliveira, tanto falou em fígado que acabou por se converter — numa isca...

PROCISSÃO DE LINGUAGEM

O dr. Agostinho dos Campos doutrina, com frequência sobre a pureza da linguagem. Há pouco es-

crevia ele: «Theatre léger, music légère, dizem os franceses; e nós atrás, como papagaios atravessados de macacos: teatro ligeiro, música ligeira. Ligeiro, em bom português,

quere dizer *veloz, rápido*, ao passo que *léger* significa *leve* e nada tem que ver com a rapidez». Isto diz o dr. Agostinho dos Campos. Simplesmente *léger* aplicado ao teatro ou à música não significa, em bom rigor, *leve*, mas *frívolo*. A tradução portuguesa, concordamos, é má; mas desta vez o comentário — também não foi excelente.

A ELECTRA

O meu amigo Francisco Franco editou agora a 2.ª edição da *Electra* e os *Fantasma*, traduzida por Henrique Galvão. Esta nova edição traz um prefácio do tradutor em que os críticos, e em especial Eduardo Scarlatti, são, literariamente, visados. Apetitoso *hors d'œuvre*. Bem pode dizer-se que a *Electra*, electricizou, galvanizou, e escarlatinizou muito boa gente...

OS EMPRESÁRIOS E A LITERATURA

José Loureiro e Ricardo Covões percorriam, recentemente, a Feira do Livro. Comentário de alguém que os viu:

— Agora afirmem que os nossos empresários se não dedicam a literatural

ESTATÍSTICA

Três artistas, aliás todos eles colaboradores da «Vida Mundial» — Zéco, Santana e Rudy — reuniram-se, há dias, à volta duma mesa, numa cervejaria. Uma hora depois, o criado apresentava com a nota da despesa — a estatística dos gastos:

Canecas de cerveja	92
Amendoim	10 Kg.
Tremoços	8.356,327

CARNET-MONDAIN

Vimos uma noite destas a Sr.ª Dr.ª D. Branca Rumina, na Feira de Palhavá, a comer pinhões.

ESTÁ CERTO

E já que falámos da Feira de Palhavá, vem a propósito dizer que a Avenida Duque de Avila, que dá acesso à feira, passa as noites em claro, com os ruídos dos feirantes. Tanto que já se afirma que vai mudar de nome. Passará a chamar-se, não Avenida Duque de Avila e Bolama — mas Avenida Duque do Avila... em bolandas!

NOVA PEÇA

Segundo nos informa o dr. Ramada Curto, a sua próxima peça intitula-se *Peça anti-aérea*, e nela se aborda o problema da paz.

UMA PAGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

BIZARRIAS DO SENHOR SCHMID

QUE TEM UM MUSEU DE CALÇADO em Viena

○ S senhores nunca colecionaram nada?

Pensem bem: talvez os botões das calças para jorgar a marca; talvez selos ou estampilhas, talvez cotão nas algibeiras, talvez mentiras ou cautelas de penhóres...

De facto, há gente para tudo: até para coleccionar...

Ora vejam este sujeito que está aqui ao cimo da página: é um respeitável sapateiro. É natural de Viena, chama-se Schmid e tem uma mania: coleccionar calçado. Não como qualquer vulgar bate-sola, destes que nós conhecemos com o gosto de amontoar sapatos rotos à sua volta, para nos dizer todos os dias:

— Amanhã estão prontos, freguês!

Não, este Herr Schmid é um coleccionador invulgar e requintado: possui um verdadeiro museu de calçado. E não se julgue que só lhe interessam sapatos «anónimos», pelo simples prazer de fazer história de calçado. Não, ele se quisesse saber isso, ia a qualquer enciclopédia que logo lhe falava dos clássicos coturnos gregos aos sapatos de cortiça das senhoras Balalaikas Isto, porém, não chegava. Herr Schmid, com o calçado, faz História — a começar pelos pés...

De facto, dentro desse museu de calçado, que até tem biblioteca e que todos nós gostaríamos de visitar em boa companhia, contém-se todos os acontecimentos, através dos sapatos das mais respeitáveis figuras do passado e do presente. Se é verdade que é nos sapatos que assenta a humanidade, também não deixa de ser menos verdadeira esta verdade experimentada: um par de botas que nos aperta os calos

pode muito bem influir na solução dos mais transcendentales problemas.

E aqui está um pormenor que pode muito bem ter esca-



pado aos historiadores de todos os tempos: que sapatos calçava D. Pedro, o Cru, quando vinha bailar para as ruas de Lisboa com o povo? Que botas levava Napoleão em Waterloo? Os homens que assinaram o Tratado de Versalhes estariam com os calos apertados?

Como vêem, os sapatos podem muito bem influir na disposição de cada um. O sapateiro Schmid não é, pois, somente, um coleccionador original e humanamente interessado nos pormenores do seu «métier»: ele é também um erudito respeitável e de bom gosto. Guardar os sapatinhos de Pawlova ou da rainha Isabel de Inglaterra; conhecer as intimidades de Francisco José, por intermédio dos seus chinélos de quarto; sentir o peso de Joe Louis por meio das suas botifarras de sete quilos — tudo isso é tão curioso, tão útil e educativo ou instrutivo, como ir lá abaixo ao Museu dos Coches e ver aquelas meias, aqueles sapatos, aqueles trajos pitorescos, desde a nossa Idade Média até à era republicana...

Ludwig Schmid sabe, realmente, que o mundo actual é estúpido, cheio de incertezas e aspectos desagradáveis. Criar, portanto, mundos novos de distração, contrastes e lições do passado através de motivos novos como este de coleccionar sapatos, parece-nos avisado e de bom gosto. Depois, deve ser divertido «ouvir» um sapato de Luiz XV implicar na prateleira com aqueles sapatos de «sapatear» — aqueles incriveis sapatos de Ginger Rogers ou de Fred Astaire no «Chapéu Alto»...

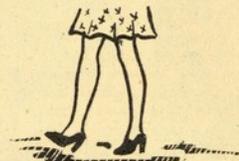
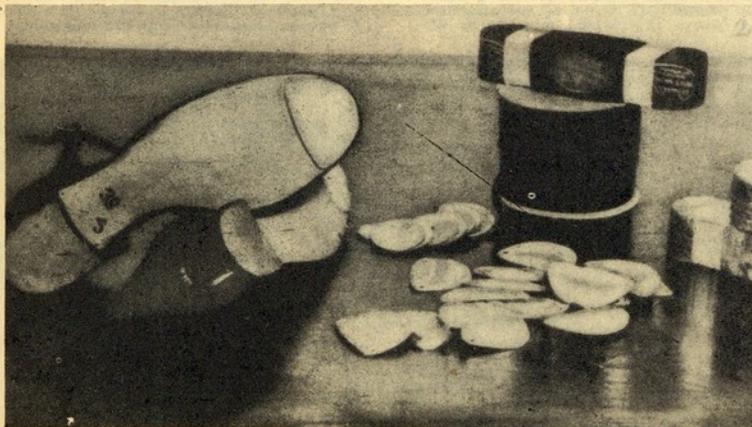
A verdade é que, para conhecermos os delírios de grandeza de Francisco José, bastar-nos-á conhecermos-lhe as botas de caça. E, se é certo que a tarefa de obter sapatos de meio mundo célebre não é coisa muito fácil — a verdade é que Schmid possui já, com o seu inofensivo gosto balzaquino, um elemento claro de entendimentos internacionais: umas pantufas do sr. Churchill, uns sapatos do sr. Roosevelt — e uma botas do sr. Adolfo Hitler...



3 — Esta velha bota, que pesa nada menos de sete quilos, faz confidências a um sapato nobre, da época de Maria Teresa...



4 — ...enquanto o sapato de um misterioso príncipe persa, feito de pele de tubarão, parece arremeter enraivecido...



1 — Uma bota do «clown» Joe Jacson mantém conversa com um sapatinho de Lilian Harvey...

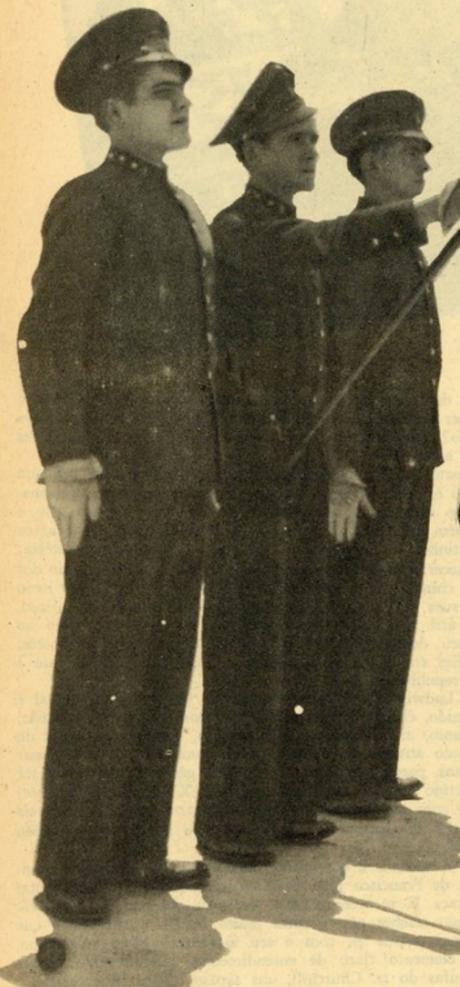
2 — Por muito que pareça mentira: o sr Schmid mostra-nos o que é preciso para sapatear com a Ginger Rogers...



OS CASAPIANOS TIVERAM

festa!

O 163.º ANIVERSÁRIO DOS "GANSOS"



QUANDO o sr. Diogo Inácio de Pina Manique, muito digno intendente geral da Polícia e muito valoroso inimigo dos liberais, recebeu, por ventura, de Pombal, sempre ocupado na criação de bem-estar e desenvolvimento do progresso do país, a inspiração de um organismo como este da Casa Pia—talvez estivesse longe de acreditar na perpetuidade e alargamento da sua obra. Dera ao país uma organização que era ao tempo modelar, e em 1780—Pombal deixara o poder três anos antes, com a morte de D. José, em 1777—lançava os alicerces de uma sólida casa de assistência oficial aos rapazes e às raparigas órfãos de pai ou de mãe. Funcionara primeiramente no Castelo de S. Jorge, donde foi relegada pela presença dos franceses, para ser reorganizada em 1811, instalando-se no Convento do Destêrro. Vinte e dois anos depois—em 1833—a Casa Pia de Lisboa instalava-se no mosteiro de Belém—para não sair mais dali. Em 1834, anexou-se ao modelar estabelecimento o Instituto dos surdos-mudos, que fora regido no lugar da Luz por um filantropo sueco: o coronel Borg—que, por sinal, veio a falecer depois dos acontecimentos de 21 de Julho, quando ia, como parlamentar, falar ao duque de Cadaval.

Hoje, a Casa Pia completou 163 anos—uma data que festejou no sábado passado. Da antiga organização, resta apenas a própria essência altíssima da obra. De facto—foram tantas as alterações estatutárias que já nem se parece senão de longe com o primitivo, o regulamento da casa fundada pelo homem sanguinário que teve a redimi-lo este acto de suma humanidade. Assim, a Casa Pia que atravessou escolhos e rompeu com vicissitudes de toda a ordem, que passou sobre todos os regimes e teve momentos de glória e de desânimo—vive hoje num mar que sobe em significação de progresso e de juxtaposição com as evoluções da vida presente. A última reforma—data do fim ao ano passado, e entrou em período experimental, se quisermos com

estas palavras significar que se estudam e executam presentemente os primeiros passos da letra da lei. Essa reforma veio separar do distico «Casa Pia», todas as casas de assistência que não fossem os asilos Nuno Alvares, Vinte e Oito de Maio, Santa Clara, Nossa Senhora da Conceição, Maria Pia e Pina Manique—o cérebro e a alma da Casa Pia. Dirigem-nos superiormente o ministro do Interior e sub-secretário de Assistência Social, director geral de Assistência, dr. Braga Paisão, e, depois, o sr. provedor, dr. Pedro de Campos Tavares, e os provedores adjuntos, srs. dr. Pestana Reis, que está à frente da secção Pina Manique, e dr. César de Melo, que está à frente das secções restantes—incluindo as femininas de Santa Clara, Vinte e Oito de Maio e da Sr.ª da Conceição, esta ainda em organização.

Vejam, agora, como funciona a Casa Pia, que mereceu de todos os Governos o melhor incentivo e que ficou a dever a homens da República algumas páginas do seu mais útil desenvolvimento.

Por intermédio da Direcção Geral de Assistência, vão parar à Casa Pia milhares de rapazes e raparigas, órfãos de pai e mãe ou só de pai ou de mãe. Recebem—conforme a idade com que entram, que não pode ser inferior aos 12 anos nem superior aos 14—as iniciações literárias nas Casas de Trabalho Nuno Alvares, se são rapazes; vão para Santa Clara ou Vinte e Oito de Maio, se são meninas. Ali fazem as duas primeiras classes de instrução primária se não tiverem dado ingresso, directamente, na secção de Pina Manique, onde em geral todos vão depois fazer os dois últimos anos do ensino primário. E depois do exame da 4.ª classe que principia a parte mais curiosa da assistência: fazer dos rapazes bons empregados do comércio ou da indústria—levá-los a cursos superiores, como bolseiros, se acaso revelam aptidões excepcionais. As meninas, essas então, depois de completarem os estudos literários—e, aqui, há largas lacunas que as impedem de fazer a 4.ª classe ou frequentar aulas de comércio—entram na aprendizagem que se julga ser a mais útil para raparigas de hoje: aprendem a bordar, a fazer renda e costura, fazem flores e chapéus.

Muitas dessas raparigas, saídas de Santa Clara—o convento da lenda, aquêle onde teria aparecido a freira assassina sobre os degraus exteriores do edificio, e que levaria um pedreiro inocente a dizer à hora da morte: «é tão certo ser eu o assassino, como é certo estas obras da igreja de Santa Engrácia não terem fim!»—muitas dessas rapariguinhas são hoje excelentes modistas e bordadoras. Dos rapazes—sabe-o toda a gente: são sempre os melhores técnicos, os melhores empregados comerciais. Têm ali dos melhores professores e das melhores condições de aprendizagem. De facto, na visita que acabamos de fazer às diferentes secções da Casa Pia—recolhemos as melhores impressões e ensinamentos das lições dos outros...

Tudo ali é disciplina, boa vontade, ordem e asseio—para não fugir à máxima corriqueira... A secção de Maria Pia, que fica ali a Xabregas, paredes meias com essa obra de talha que é a igreja da Madre de Deus, foi fundada pela rainha D. Maria Pia, e é uma escola-officina. Isto é: pura secção prática para aquêles que, em Pina Manique, mostram que não tinham aptidão para tirar um curso. Eles precisavam, entretanto, de se preparar para ganhar a vida, quando aos 18 ou 19 anos a escola já não pudesse estender-lhes as suas asas protectoras. Ali, a oficina de Xabregas, muito bem instalada e melhor dirigida—faz, portanto, as vezes de qualquer oficina cá de fora, com a vantagem de lhes fornecer cama, mesa e roupa lavada. Há hoje ali 297 rapazes—53 dos quais quiseram ser alfaiates... Em Santa Clara há cerca de 200 raparigas—e, sem contar com a população dos asilos Vinte e Oito de Maio e Nuno Alvares, eleva-se a 1.200 o número de rapazes internados na Casa Pia, pois são 620 os

da secção Pina Manique, a Belém, dos quais são surdos-mudos à roda de uns cem. As condições de entrada para os surdos-mudos são diferentes—pois até os há lá que pagam para aprender.

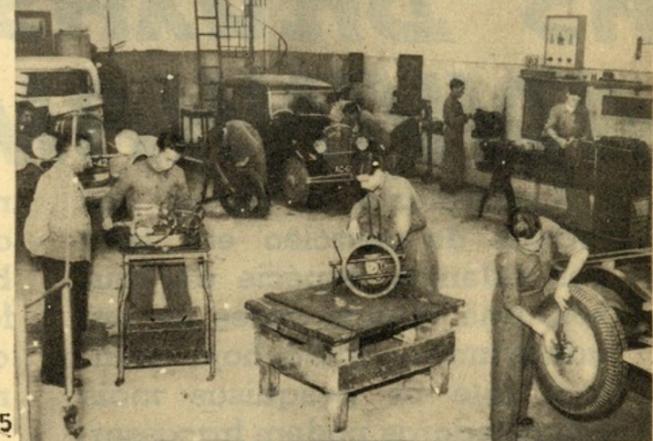
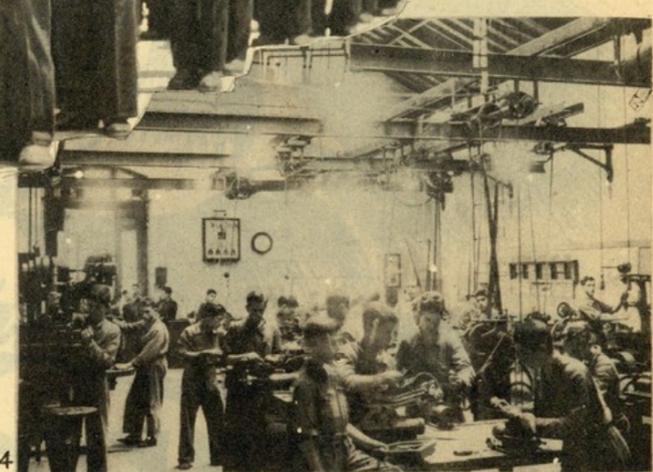
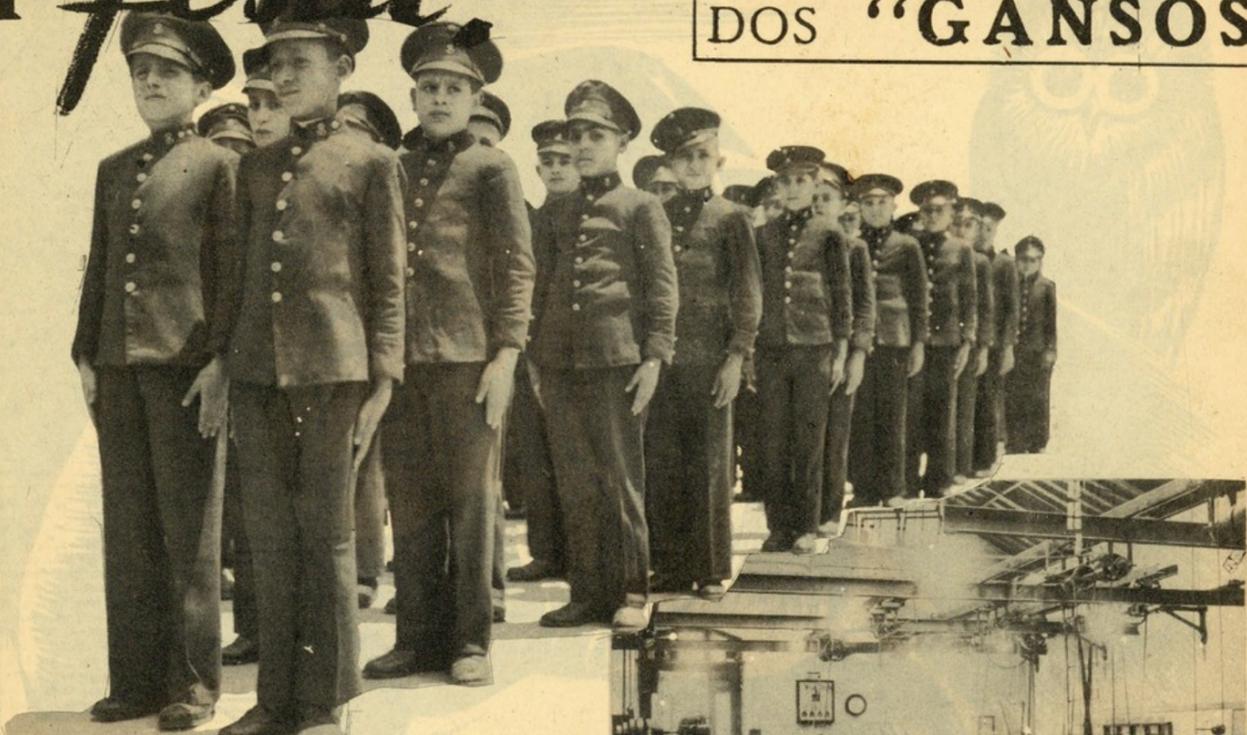
As receitas da Casa Pia não atingem o valor das despesas. Entretanto, todo o trabalho reverte em função útil para a comunidade casapiana: fazem-se ali todos os móveis aborvidos pelo funcionamento de obra tão vasta; as oficinas de sapateiro e de alfaiate não chegam para as encomendas casapianas, e só as oficinas metal-mecânicas, de entalhador e marcenaria conseguem tempo para satisfazer tarefas impostas pelas encomendas vindas de fora. São estas oficinas-escolas, as que têm maior desenvolvimento e ocupam mais a atenção de quem dirige. Portugal deve ser também um país industrial e precisa de técnicos conscienciosos, feitos em boa escola, que de modo algum não exclua as melhores condições de ensino prático. E neste ponto, isso é que não pode deixar de se dizer, a secção Pina Manique da Casa Pia, que já é das melhores escolas industriais do país, ficará a ser, logo que entre em funcionamento toda a aparelhagem nova, das melhores entre as estrangeiras.

Preguntamos ao sub-chefe da secção metal-mecânica se o processo de trabalhar com as máquinas é racional e inspirado em sistemas americanos, mas ele logo responde: —Racional é—agora inspirado em processos americanos, não. Bem vê: em Portugal nunca será possível a produção em série. E isso é que levá os «yankees» a ser peritos excepcionais. Mas só em determinados pormenores que adquirem função da máquina. Um operário sabe fazer num momento a rosca do parafuso, mas se não estiver ao lado do companheiro que lhe fez a cabeça—o parafuso muda de nome, de dono e de função, porque parafuso é que ele nunca será porque não há quem o acabe!

A família casapiana—e chamamos assim a quantos se aqueceram no lar amorável da Casa Pia de Lisboa—é numerosa e estende os braços fraternais por todo o nosso país. Os rapazes que de lá saem—os «gansos» enquanto estão nessa enternecedora capoeira de encubamento de nobres qualidades de trabalho—formam uma família unida que, quando não tem de se ausentar para lá de Lisboa, se reúne à volta do Casa Pia Atlético Clube, prolongamento do lar casapiano. A margem da função desportiva, pretexto para uma cota que engrassará o cofre de assistência aos casapianos infelizes—existe ainda uma simpática instituição que é o hotel de quantos não têm lar...

A Casa Pia, de resto, que este ano está a subvencionar 32 estudantes, deu já ao país nomes de vulto no mundo lusitano: Luz Soriano—um arcebispo cujo nome não nos vem ao chamado da memória—o dr. Artur Bivar e tantos, tantos outros que nem vale a pena citar—e que foram casapianos. Formam os «gansos»—elas têm por emblema um ganso e o novo provedor ofereceu aos rapazes de Pina Manique um anafado casa lide palmípedes—uma sociedade à margem da sociedade, uma vida de solidariedade e entusiasmos inteiramente à margem de tudo o mais. Orgulham-se da Casa Pia—e são orgulho da Casa Pia.

Res sabem, de facto, que é de cidadãos conscientes que a Pátria precisa—e, lá dentro, deu-se sempre uma consciência limpa a cada cidadão...



1) A objectiva não abrange quantos comem à mesa da secção Pina Manique; 2) Em Santa Clara prepara-se o jantar, que tem coelho; 3) É ainda em Santa Clara que elas aprendem a bordar; 4) A serralharia mecânica, em Pina Manique, está bem instalada; 5) ...mas de automóveis, com tão boas oficinas, todos ficarão a saber bem; 6) Os rapazes da secção Maria Pia também têm a sua excelente oficina de serralharia.



NEM AS BRUXAS ADIVINHAM

Antigamente a busca dos jazigos de petróleo era feita por videntes, espécie de bruxos, que muitas vezes se enganavam, e ainda hoje acontece que as pesquisas mais prometedoras podem fracassar, apesar dos aperfeiçoados métodos científicos em vigor.

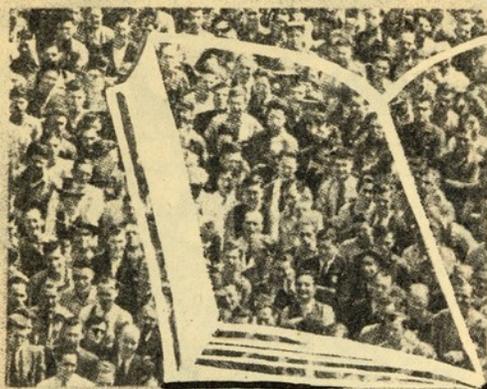
Nestes importantes trabalhos tem a Socony-Vacuum Oil Company, Inc., papel preponde-

rante, visto as suas refinarias reclamarem diariamente 350.000 barris de petróleo bruto para a fabricação dos melhores lubrificantes e combustíveis que o mundo conhece.

Não pode a Vacuum fornecer os fregueses como desejava, devido às circunstâncias actuais. Contudo, o tempo normal há-de voltar e a Vacuum tornará a servir completamente V. Ex.ª.

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.





Dos livros e DOS HOMENS

★
POR LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

O U V I N D O



JOSÉ
OSÓRIO
DE
OLIVEIRA

Desta vez quisémos ouvir um crítico — um crítico a falar da crítica. O ensaísta José Osório de Oliveira, cujo último livro «En-

quanto é possível» constitui um documento de rara oportunidade, responde hoje ao nosso inquérito. Como não podia deixar de ser falámos-lhe de crítica e falámos-lhe do Brasil, de cuja literatura Osório de Oliveira é hoje, entre nós, um dos mais lúcidos exegetas. O seu depoimento, com que nem sempre concordamos, é, no entanto, do maior interesse:

— Falemos de crítica, visto que é esse o pendor mais definido do seu espírito: Não advogou uma crítica apologética, como reacção contra o excesso de criticismo analítico?

— É verdade, e deixe-me aproveitar a oportunidade para dizer que, nessa minha concepção de crítica, não se exclui o trabalho de análise. Simplementemente, esse trabalho, considero-o, por assim dizer, de laboratório. Sem prévia análise, não é possível chegar a uma apologia, que seja crítica. O que se faz, hoje, entre nós, é apresentar ao público, em vez de um resultado, o processo preparatório. Por outras palavras: o crítico português, em geral, parece ter como única preocupação mostrar, não o valor de uma obra ou o que ela é, mas a sua capacidade analítica, d'elle crítico.

— Não está, no fundo, desinteressado da crítica?

— Talvez, mas não posso fugir dela completamente, pelo menos da crítica da literatura brasileira, pois criei certas responsabilidades... Aliás, começa a fatigar-me, um pouco, essa obrigação de falar ou escrever, constantemente sobre o mesmo assunto, apesar do meu interesse de leitor de livros brasileiros não diminuir nunca. Realizei agora, no Pórtio, uma conferência sobre o Romance Brasileiro. Falei dos seus diversos aspectos, propositadamente, para que não se continui a atribuir-lhe uma única feição.

— Mas não pensa escrever alguma obra de maior fôlego sobre a literatura brasileira?

— Tenho um projecto, melhor diria: um sonho, que é escrever uma História Comparada das Literaturas Portuguesa e Brasileira. Os críticos brasileiros têm-me animado a empreendê-la, reconhecendo-me qualidades para julgar a própria literatura do Brasil. Mas uma obra dessas não se faz sem condições especiais de trabalho, e essas só os Governos podem facultar, através dos seus Institutos de Cultura.

LITERATURA DE INSPIRAÇÃO COLONIAL

RECEIO muito que se zanguem comigo todos os escritores que encontraram nas províncias coloniais uma inspiração literária que, sem essa experiência, talvez nunca lhes tivesse acontecido; receio também que as palavras que vão ler-se, não sejam bem interpretadas pelos que, de qualquer modo têm estimulado a chamada «Literatura Colonial» — e penso, é claro, no esforço admirável que representam os concursos desse organismo tão inteligente e dinamicamente orientado, que é a Agência Geral das Colónias. Mas nem por nenhuma razão deixaria de dizer o que penso: creio que não há ainda entre nós uma literatura de expressão imperial ou, se preferirem, colonial, suficientemente representativa. Ocorrem-me aqui poucos exemplos, ao hilo da pena, de tentativas duma literatura que seja definidora, não só da humanidade africana — ou asiática — que os portugueses fizeram, mas também daquela que lhes resistiu. Se os *Poemas de Africa*, de António Navarro, podem ser considerados apesar de certo hermetismo próprio da personalidade do poeta, como das obras mais definidoras dessa literatura, se o grupo literário caboverdeano, com Jorge Barbosa à frente, tem, de facto, a presença de África na raiz duma árvore cujos ramos recebem a brisa do Brasil e não a nossa, se me recordo dum voluminho também inspirado em Cabo Verde, que António Pedro publicou há anos e cujo nome, esse, não me ocorre agora — quasi poderia escrever que a literatura acerca do homem colonial português, do negro ou do índio, apenas na poesia encontrou possibilidade de expressão. Mas penso também em algumas páginas de Maria Archer ou de Paulo Braga que desmentiriam essa minha asserção. E penso, sobretudo, na obra de Castro Soromenho, cujos dois últimos livros publicados à distância de poucas semanas, acabei de ler: «A Aventura e a Morte no Sertão» (Coleção Gládio) e «Rajada e outras histórias» (Portugália Editora).

Perante estes livros de Castro Soromenho, como perante as suas obras anteriores, tem-me acontecido ser levado a reflectir sobre o problema da inspiração colonial. Eis um dos méritos destes escritor: fazer-nos pensar na intenção das suas obras. De facto, embora não viva já em África, o continente africano terá marcado por tal forma Castro Soromenho que os seus livros fogem o mais possível ao perigo da reminiscência. É claro, que Castro Soromenho conhece esse perigo e transforma a sua memória vivida, em memória imaginada, sem que dessa transposição resulte prejuizo para a pureza da obra de arte que se impôs. Daí também o seu preconceito anti-literário. Há na prosa de Castro Soromenho uma aridez propositada que não é apenas o horror sistemático de cair no lugar-comum, ou na frase feita — mas que é, já hoje, uma característica de estilo. Melhor diria que o seu estilo pretende não ter estilo, isto é, desnuda orações e palavras a que não empresta o menor entorse de arrebiques ou galas. Uns acharão que é excessivo; outros, pelo contrário, acharão que a verdade humana e directa das figuras especiais que o escritor recriou para o público, exige esse mínimo de respeito.

Em «Rajada e outras histórias», Castro Soromenho não transige com o seu preconceito anti-literário; há, por vezes, nas suas páginas uma secura propositada, nma frieza, que pode magoar o leitor desprevendo. Essa secura excessiva, esse desprendimen-

to, leva-o a escrever simplesmente: «um môço caçador levantou-se, queixou-se de dores de barriga e afastou-se a pequena distância do acampamento». Isto é — o escritor cai, sem querer, numa vulgaridade soez que nem sequer é exigência de realismo descritivo e que nada acrescenta à credibilidade da história que nos conta.

Em contra-partida, Castro Soromenho defende-se do pitoresco e da paisagem, exactamente por saber os perigos desses caminhos escorregadios, tratando-se dum universo já, por sua própria natureza, especial. Preocupa-se mais, como é justo, com o Homem genético do que com o espectáculo exterior onde decorrem as suas histórias. «Perdeu-se no caminho» e «A voz da estepe» são, quanto a mim, os dois contos deste seu livro, em que o escritor mais se liberta das preocupações que o limitam. Daí a altura emocional que facilmente atinge em muitas das suas páginas, como atingira já, no final do primeiro conto «Rajada», duma força impressiva total: «O Muangue estendeu um braço e começou a arranhá-la terra com as pontas dos dedos recurvados. Depois, a mão quedou-se, a respiração extinguiu-se-lhe, entreabrindo-lhe os lábios empastados de sangue, com os olhos abertos e cheios de noite». O primeiro parágrafo, a abrir «A morte da Chota» ficará, de-certo, como um dos momentos de maior plasticidade poética do livro. A descrição da entrada do barco na doca dum esteiro, o grito do canoeiro que espanta os corcos, fez-me pensar, irresistivelmente, em certa página de Steimbeck em «Of the mice and men».

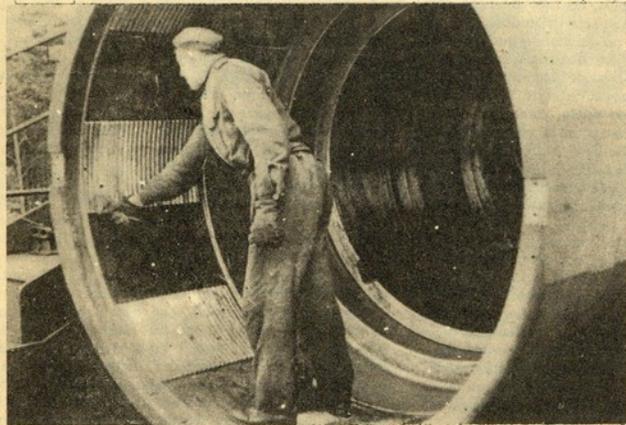
Mas Castro Soromenho, que não sacrifica nunca às roupagens exteriores, de tão fáceis sugestões de colorido, a verdade directa e humana das suas obras, é, essencialmente, um narrador. Talvez algumas das histórias de «Rajada» não sejam, propriamente, contos embora haja nestas pequenas narrativas uma propriedade de construção técnica que nem sempre encontrei noutras obras suas. Já em «A Aventura e a Morte no Sertão», Castro Soromenho atraiço, por vezes, o sentido romanesco a que a figura de Silva Pórtio se prestava, quando estudada em biografia deste género. De-certo o escritor mantém todas as qualidades que empresta sempre às narrativas — mas a acção dilue-se em pormenores acessórios que não sei até que ponto seriam indispensáveis num trabalho de simples divulgação histórico-literária. Prefiro nitidamente Castro Soromenho no romance ou na novela desinspiração colonial, liberta de qualquer intenção, sem o sacrifício do elemento humano, e até por vezes poético, às exigências duma finalidade determinada. Como já acontecerá em «Homens sem caminho», Castro Soromenho dá-nos em «Rajada e outras histórias» a certeza de que, embora ainda nas mãos de muito raros, já existe e tremula o facho duma literatura colonial em que o Homem negro surje na plenitude dos seus dramas, visto por olhos que, para o recriarem, se esqueceram, propositadamente, da sua condição psicológica de olhos europeus, olhos de branco. E só assim, por muito paradoxal que pareça, será possível, talvez, Portugal ter um dia aquela literatura de epopeia euro-afrasiática que a sua situação no mundo lhe pode permitir. Na literatura de epopeia, que seja interpretação de geografia humana, como a justifica a nossa condição no mundo, essa, apesar de algumas anunciadoras excepções, não a vislumbro ainda no horizonte.

AIIÔ! AIIÔ!...

FRENTE ALEMÃ, 1943!



A luta prossegue por tôda a parte, sem sinais evidentes de cansaço. Aqui vemos o general feld-marechal von Rundstedt durante uma visita às regiões costeiras do Oeste. Será esse o ponto de invasão da Europa?



Mas, se o fôr, a defesa está alerta! As fortificações alemãs já estão prontas. São poderosas e guarnecem o Canal da Mancha. Como se vê, na boca de um canhão pesado podê estar um homem de pé...



A Alemanha quer vencer, e para o conseguir tudo fará. Na mobilização total — joga-se tudo, por tudo! — a mulher tem o seu papel. Trabalham nas fábricas de munições...



Também na Rússia a luta prossegue; e não é só doloroso o momento em que se, joga a vida de armas na mão: a natureza é agreste para os homens do Sul. Aqui vemos, durante o desgelo, os soldados a tirar baldes de água de um abrigo...



...E a guerra estende os braços como um polvo... O mar conhece-lhe os dramas... Os caça-minas escoltam, no Mediterrâneo, barcos italianos que transportam sabe-se lá que preciosa carga!



...e até as vemos nas fileiras. Estas são tailandesas, de Bangkok, e freqüentam as escolas. No entanto, formam o primeiro regimento auxiliar feminino.

Manuel Lima

UM DOS VALORES DA NOVA GERAÇÃO

Por CORREIA DA COSTA

NA moderna geração de pintores portugueses independentes, temos de considerar a excelência de qualidades e o raro equilíbrio de realização pictural de Manuel Lima.

Pintor coerente com a pintura e espírito formados num constante combate para atingir formas, aspectos e cambiantes novos, sente-se na obra deste artista um desejo de perfeição e de bom gosto que juntos ao sentido de composição e ao arranjo e à melodia das cores, dão a alguns dos seus quadros um maravilhoso e esbelto acabamento.

O seu sentido de individualidade, ou antes o seu individualismo criador, auxiliaram-no na realização duma obra já hoje a considerar, onde as paisagens, os aspectos de vilas e cidades, os retratos, as naturezas mortas e a sua prova final no Curso da Escola de Belas Artes, em que alcançou uma clas-



Manuel Lima no seu «atelier»



«A irmã do Pintor» no Museu de Arte Contemporânea (foto de Mário Novais)

sificação honorrífima de dezoito valores, lhe marcaram um lugar inconfundível e primacial na sua geração, a geração dos trinta anos.

Pintura inicialmente revolucionária, evoluindo hoje para um equilíbrio notável de bom gosto e de harmonia, poucos como Manuel Lima têm a noção e o aperfeiçoamento da cor. A cor na sua obra é uma exaltação, um ex-voto, o motivo maior das suas composições e das suas telas, tão inconfundíveis!

Desde muito novo que Manuel Lima se tinha revelado como decorador, ilustrador de revistas e como pintor de arte. Em cenários de teatro, em cortinas, em estilizações de motivos regionais, o bom gosto dos seus desenhos é pleno de equilíbrio e de imediato agrado.

Nas suas exposições parciais na Sociedade de Belas Artes e no «studio» do Secretariado de Propaganda, nos trabalhos da Exposição do Mundo Português, na sua recente actividade nas decorações do Estádio Nacional, Manuel Lima desdobra-se em muitas «nuances» e facetas duma arte fundamentalmente individualizada e plena de forte personalidade.

O seu quadro na Sala dos Modernistas do Museu de Arte Contemporânea e a sua prova do exame final existente na Escola de Belas Artes, são honrosíssimas obras de pintor, absolutamente primaciais adentro da sua geração independente.

Neste plástico inconformista, na luta de espírito em que se debate a sua arte inconfundível de colorido, de harmonia e de conjunto, sente-se a sua ânsia de se complementar, de se aperfeiçoar, de se realizar totalmente, até atingir a síntese. Pintura essencialmente moderna, ela possui qualidades de aceitação e de compreensão imediatas. O seu sentido pessoal, a sua individualidade tão revelada, a «maneira» logo reconhecida da sua autoria, confirmam-lhe a personalidade sempre tão rara nos pintores, sobretudo nos contemporâneos.

Manuel Lima é um pintor moderno da nossa moderna pintura. A coerência entre a sua obra e ele próprio é manifesta e confirma a sua dignidade e a sua idoneidade de artista do momento que decorre e da hora do seu triunfo.

Vejamos, pois, neste pintor um dos maiores nomes da sua geração a quem, temos a certeza, está reservada a glória de universalizar e elevar o nível da moderna pintura portuguesa independente, onde não abundam nem os fortes temperamentos, nem as individualidades marcantes.

Prosegue, sem mercê, a ofensiva aérea dos aliados contra as cidades e portos do sul da Itália. As bombas, lançadas às toneladas, têm provocado estragos consideráveis e numerosas vítimas. Algumas das cidades bombardeadas têm sido visitadas pelo rei da Itália, como se verifica por esta foto. Acompanham o soberano algumas das mais destacadas figuras do exército, da marinha e da aviação.



Agora que os seus adversários se preparam para atacar o seu próprio continente, a Itália declara, pela voz dos seus chefes, que está disposta a resistir até ao seu último soldado. Esta foto, mostra-nos alguns aviadores italianos aguardando ordens para levantar voo e combater o inimigo.



"FATIMA TERRA DE FÉ"

E A PERSONALIDADE DE JORGE BRUM DO CANTO

Por FERNANDO FRAGOSO



Armando Chagas e António Lopes, numa cena capital do filme

TENHO por Jorge Brum do Canto a maior admiração. Mesmo quando não concordo com a sua maneira de encarar certos problemas de cinema, reconheço a sinceridade, o entusiasmo pela Arte e que se votou, o desejo de acertar e de porfiar, ainda quando não trilha o melhor caminho. Uma forte personalidade domina todos os aspectos do seu trabalho. E é nessa personalidade, profundamente marcada, que devemos encontrar a origem das qualidades e defeitos dos filmes de Brum do Canto, aquelas em muito maior número do que estas, as primeiras tão raras entre os nossos cineastas, os últimos tão fáceis de remediar — e por isso mesmo tão imperdoáveis.

A «Canção da Terra» deve ter contribuído para radicar em Brum do Canto a tendência em fazer do cinema em caso pessoal. Aquêle filme pode dizer-se foi inteiramente concebido e realizado por ele, nos aspectos em que Brum do Canto, só por si, conseguiu substituir os técnicos ou auxiliares, nos diversos «rayons» da produção. O êxito incontestável que o filme alcançou levou Brum do Canto à convicção de que o processo resultaria. Veio depois «João Ratão» produzido em moldes diferentes. Em seguida, «Lóbos da Serra», «de novo em regime de apanhamentos». E se naquele filme — Brum do Canto que o diz — «os acusadores voltaram o bico ao prego e lhe moeram o sal na moleirinha por se haver deixado arrastar pela estandardização», no caso dos «Lóbos», tornou o incenso a queimar no turbilho.

No entanto, «João Ratão» foi até hoje o filme de Brum do Canto que fez maiores receitas — ou, por outras palavras, que mais público atraiu. Parece-nos estar aqui uma indicação, que Jorge Brum do Canto não deve perder de vista... «Ah! mas a crítica» — poderá alegar-se. A crítica cinematográfica — diz Jorge Brum do Canto — não existe!

* * *

«Planificação, direcção e montagem constituem três aspectos distintos dum só cargo verdadeiro: o de director técnico. Não concebo distinções, por aquela mesma razão de não conceber que seja um homem a comer, outro a digerir e outro a defecar...»

Estas palavras são ainda de Brum do Canto. Pela minha parte não admito o paralelo, porque me recuso a comparar o resultado final «filmes» com o resultado final «matérias fecais», muito embora por vezes se empregue a designação mal cheirosa e vulgarizada da última, como resumo do valor duma produção inferior...

Nos países mais adiantados quanto à produção de filmes, onde devemos ir procurar directrices para a organização da indústria, as três funções — planificação, direcção e montagem — são confiadas a técnicos especializados, muito embora o realizador ou o director se não alieiem do trabalho dos mesmos. Não é a necessidade de trabalhar depressa, que origina a sub-divisão de cargos, como afirma Brum do Canto. E, sim, e apenas, a necessidade de produzir nas melhores condições, com as maiores garantias para a indústria e as maiores vantagens para o espectáculo. E não se diga que não há na Cinelândia directores com personalidade e com o sentido da responsabilidade do cargo respectivo. E no entanto, um William Wyller, um Renoir, um

King Vidor, aceitam a planificação e a montagem que outros fizeram, muito embora contribuam com a sua quota parte de influência na orientação das mesmas. E se o sistema está generalizado — é, com certeza, porque dá bons resultados. Na América, na Inglaterra, na Itália, em França — é assim que se procede. As vantagens estão à vista: a sub-divisão de trabalho — e não esqueçamos o papel do produtor — corresponde a um sistema de decantação e de filtragem, que tende a purificar o produto... Eu ainda admitia que Brum do Canto nos dissesse:

«Se tivesse os técnicos de Hollywood... um bom planificador... um bom montador... Mas o problema não é pósto assim. O realizador considera a planificação e a montagem como tarefas a cargo do realizador... E uma vez «que não entende necessariamente a interferência de técnicos estrangeiros e que se dá muito bem com os seus colaboradores compatriotas», Brum do Canto põe em execução um «sistema», que não é resultante da carência de valores...

Ora este sistema parece-me errado — e perigoso. E sobretudo porque, entre nós, tende a generalizar-se.

* * *

Em «Fátima, terra de fé» vamos encontrar como efeito uma planificação prolixa, uma direcção acertada e com frequência excelente, e uma montagem que não salva, antes agrava, os erros da planificação.

Jorge Brum do Canto tem marcada tendência para «arrastar» as cenas. Gosta dos longos silêncios, das imagens simbólicas, perde-se na contemplação da Natureza, enamorado das paisagens, das árvores, das flores, das névens, de tudo quanto é Belo e Grandioso. Claro que não é de censurar este anseio de inundar a tela de imagens bonitas — tanto mais quando o nosso cinema nem sempre envereda por semelhante caminho. Mas esse estatismo, por vezes, prejudica o equilíbrio dos filmes. Porque Brum do Canto, artista até à medula, tem pejo de sacrificar a imagem que o apixinou!

O «tempo» cinematográfico nem sempre tem sido observado, por Brum do Canto, de forma plausível. Na «Canção da Terra» a multidão que esperava a chuva, a corrida nocturna da Elsa, e a cena de pancada entre o Barreto, Poelra e o Moita — tinham, intilmente, demasiada extensão. No «João Ratão», os madeiros no rio, a «Canção da Primavera», etc., como a perseguição dos «Lóbos da Serra» pecavam pela insistência. Um montador hábil teria remediado os defeitos iniciais da planificação. Jorge Brum do Canto não os corrigiu, porque a montagem até certo ponto é a função inversa da planificação e o critério que preside à divisão tem fatalmente que ser o mesmo que orienta a reconstituição.

Ora em «Fátima, Terra de Fé», o defeito surge, igualmente, com a idêntica insistência, a cada passo. Mas avulta, sobretudo, como já tivemos ensejo de dizer, no «Diário de Notícias», nas cenas exteriores do Ninho dos Pe-

queninos, na corrida do «táxi» até Cabo Ruivo, nos aspectos preliminares da intervenção cirúrgica e na cavalgada que precede o desastre.

Se fôsse possível fazer a experiência e entregar «Fátima, terra de fé», à tesoura expedita de Vieira de Sousa, Brum do Canto concordaria imediatamente connôco, e, feita a prova do público, veria até que ponto são notórias as vantagens da sub-divisão de cargos — mórmente no que se refere ao problema da montagem.

* * *

Como realizador, ou, melhor, como director, Jorge Brum do Canto impõe-se, cada vez mais, à nossa admiração! A sua sensibilidade, servida por uma experiência que tem sido frutuosa, os conhecimentos técnicos, a intuição cinematográfica — operam prodígios. E «Fátima, Terra de Fé» revela-nos um Brum do Canto em plena evolução, liberto já de certos preconceitos de originalidade que caíram em desuso — a tender para a simplicidade de processos, que tem feito o prestígio da escola americana. Nas reacções íntimas, nos dramas de consciências, nas tempestades de almas — tão difíceis de traduzir em imagens — Brum do Canto encontra a justa medida, com uma facilidade que surpreende. Na maneira como nos deu o volte-face do ateu, que pega no filho, moribundo, e o leva a Fátima, deslumbrado pelo clarão da Fé, que entrevê nas palavras santas de uma freira, caídas, a espaços, por entre o ribombar dos trovões — Brum do Canto impõe a sua técnica seguríssima, de forma notável.

Dispensamo-nos de aludir aos outros aspectos do filme — sobre os quais já expendemos a nossa opinião. Queremos no entanto louvar César de Sá, pelas brilhantes provas que demonstrou como produtor. «Fátima, Terra de Fé» tem um acabamento técnico que acredita o seu valor. É uma produção cuidada em todos os aspectos — e pena foi que o som a não ajudasse como merecia.

O Cinema Português tem mais um produtor. No próximo filme, César de Sá aproveitará os ensinamentos de tantos meses de labor. E os resultados serão ainda melhores, se bem que o público e a crítica hajam motivos de sobra para acolher «Fátima, Terra de Fé» como uma realidade, que confirma o progresso notório do Cinema Português.

Grça Maria nunta cena de «Fátima, terra de fé»



...que se passa?

FIZERAM-SE OS CONCURSOS PARA ARTISTAS DE RADIO

MAS NEM TODOS ACHARAM BEM AS CLASSIFICAÇÕES...

NAS duas últimas semanas, o meio radiofónico agitou-se com os concursos de artistas da Rádio, levados a efeito pela Emissora Nacional.

Estas coisas, na nossa terra, têm sempre grande repercussão. A juventude aguarda logicamente a possibilidade de se poder revelar, de mostrar o que vale. E a Rádio presta-se, sem dúvida nenhuma, para grandes «vóos»... É mesmo uma tentação... O microfone tem um alto poder emocional e sugestivo. Através dele, o mundo ouve; por ele se gritam nomes, que amanhã se celebrizam; e se a celebridade muitas vezes é grilheta que prende inexorável e incomodativamente, noutras é caminho aberto para a fortuna...

De forma que o concurso da E. N. foi um acontecimento de relevo na vida pacata da burguesia Ulisses.

Exultaram os que anteviram a ocasião de ganhar um prémio pecuniário e simultaneamente conquistar uma posição no organismo oficial da rádio-difusão.

Aos que nem sequer pensaram em concorrer, também lhes agradou a notícia da realização dos concursos, pois iam ter oportunidade para escovilhar a vida de cada um, discutir classificações, pôr em dúvida méritos e ditar leis com a mais solene convicção do orbe!... Durante quasi três semanas havia margem para desenferjar a língua, — mais propriamente a *má lingua*...

Os concursos de cançonetistas e de conjuntos vocais foram, entretanto, os que mais efervescência suscitaram, por serem precisamente os mais populares, aqueles que o público mais fixa, por se exibirem frequentemente nos programas de variedades.

As provas de violino, de violoncelo, de piano, de canto, de concerto, tiveram também a sua efervescência, mas mais restrita, mais em «familias», exactamente por serem menos populares.

E já que por duas vezes falámos em *efervescência*, convém esclarecer a razão por que empregamos o vocabulo, que segundo o douto Cândido de Figueiredo significa, em sentido figurado, *abalo de espirito, movimento, excitação*...

Nestes concursos para artistas de Rádio, a inscrição foi facultada aos mais ou menos consagrados, aos contratados da própria Emissora, quando se supunha que só a novos, isto é, a desconhecidos, seriam ofertadas possibilidades, visto que os outros estavam por demais alcandorados em pedestal de honra — e seguro!...

Eis a razão por que, para os que julgavam não ter concorrentes de mérito já firmado, a surpresa foi profunda — quasi desluzido — movimentando, excitando e abalando-lhes o espirito...

Os vencedores das provas tiveram aprovação unânime do júri, receberam os seus prémios e comitantes parabens e agora são oficialmente artistas da Rádio!...

Ainda sob a impressão das classificações, quando se entrecravavam opiniões e sentenças, o jornalista encontrou no caminho quatro nomes da Rádio, que o são de facto, mesmo sem concursos.

E, num instante, se gizou um inquérito-relâmpago, com três artistas que não concorreram às provas da E. N., por consequência insuspetos e ao abrigo

de poderem ser tidos como despeitados — e um que concorreu, mas cuja imparcialidade não há que pôr em dúvida...

AS IRMÃS LOPES DE ALMEIDA

Os leitores conhecem-nas muitíssimo bem. De ouvido, claro...

São participantes habituais dos programas de variedades do Rádio Clube Português. Notabilizaram-se, em especial, nas dolentes mas encantadoras canções alentejanas. Também cantam a solo; todavia, a sua aura radiofónica consiste no conjunto magnifico que ambas formam.

As duas simpáticas raparigas já são nossas conhecidas... Amáveis, perenemente bem dispostas — virtude ou sorte de que nem todos se podem gabar... — recebem com visível espanto a pergunta que lhes jogamos:

— Então vocês não concorreram ao concurso da E. N. A Estive à espera de ver o vosso nome à cabeça dos concorrentes...

Suspensas, entreolham-se. E é a Etlvina quem responde:

— Eu explico. Ao lermos as condições do concurso, verificámos que todos os artistas da Rádio podiam concorrer, até mesmo os consagrados...

— E depois...
— Resolvemos então poupar ao júri o trabalho de nos ouvir, uma vez que outros conjuntos vocais muito mais treinados que nós e em que reconhecemos muito mais competência, entravam no certame.

— Então...

A Etlvina junta-se a Maria Isabel, fazendo côro:
— Um dia, quando a E. N. fizer um concurso para os novos, que tenha como único objectivo encontrar outros elementos, além dos habituais, talvez que nós, se continuarmos a trabalhar para a Rádio, ali prestemos provas.

— Mais nada?...
— Mais nada. Que mais quere?...
— Quero agradecer-lhes e desejar-lhes felicidades...

ORLANDO SETIMELLI

Aqui está outro nome que o leitor, ouvinte assíduo de T. S. F., já decorou.

O seu nome artistico começou a ser feito em estações particulares, os chamados postos pequenos, e que tanto têm contribuído para a valorização dos «maiores»...

Setimelli notabilizou-se decisivamente no Rádio Clube Português, sendo depois convidado para fazer parte do elenco da E. N.

Na nossa estação official marcou também lugar de relevo. Cantou a solo e no quarteto vocal masculino.

A pergunta, idêntica à que fizemos às irmãs Lopes de Almeida, igualmente o colheu de surpresa. Não respondeu acto contínuo. E quando se decidiu, fez-lo assim:

— Pensei efectivamente em concorrer. perante os nomes inscritos, muito mais valiosos do que o meu, afoguei-se-me que era tempo perdido. Supus inicialmente que os consagrados, aquêtes que todos

nós nos habituámos já a admirar, se abstivessem. Tal não se deu, porém. E, por mim, compreendi que perante tais competidores, as possibilidades eram nulas...

— Acha justa a vitória da cançonetista Maria da Graça?...

— Por que não? Maria da Graça é hoje um nome grande da Rádio. O seu triunfo não é mais, afinal, do que a natural projecção desse nome...

— Se se voltar um dia a fazer outro concurso, concorrerá?...

— Compreende... Sabe, meu amigo: não tenho por hábito tentar perscrutar o futuro...

— Obrigado, Setimelli...

GINA ESTEVES

Esta é uma das mais jovens cantoras do género leve; não tem ainda vindo primaveras. Não, obstante, o seu nome ecôa pelos microfones das duas mais importantes estações nacionais: a E. N. e o R. C. P. Foi uma das concorrentes à prova de cançonetistas do último certame da E. N.

Já se sabe que não ganhou. O que pensaria ela do concurso? Perguntámos-lhe se tinha ficado satisfeita. E ouvimos:

— Sim, fiquei. Evidentemente que supunha não ter competidoras de tanto cartele, que possuem hoje um público fiel. Mas o júri atribuindo, e muito bem, o prémio a Maria da Graça, galardou uma artista que quasi há meia dúzia de anos delicia os ouvintes da E. N.

— Houve inscritos que depois desistiram... A Gina manteve a sua presença...

— Claro. Compreendendo embora que não tinha mérito para vencer, tinha a certeza, modesta à parte, de não fazer má figura.

Estamos de acôrdo. E uma grande virtude conhecemo-nos.

— E não fez mesmo...
— Creio que não, sinceramente.

— O que cantou?
— Canções em português, francês e inglês... Por coincidência, a canção portuguesa foi a mesma cantada pela vencedora.

A última pergunta, para não desmanchar o econjunto:

— Irá a outro concurso, se o houver?...
— Por que não? Na vida o que é preciso é ter persistência...

Pronto, estimados ouvintes, como diria um locutor, o nosso inquérito-relâmpago está pronto — sena que a *faisca* possa incendiar quaisquer corações...

Das afirmações aqui exaradas transparece, «una voz», uma confiança profunda no porvir...

Óptima sintoma. A confiança é uma arma poderosa, cuja única dificuldade é saber-se manejar na altura própria... E quem sabe fazê-lo, vence pela certa!...

PEDRO SA.



Gina Esteves



Maria Isabel Lopes de Almeida

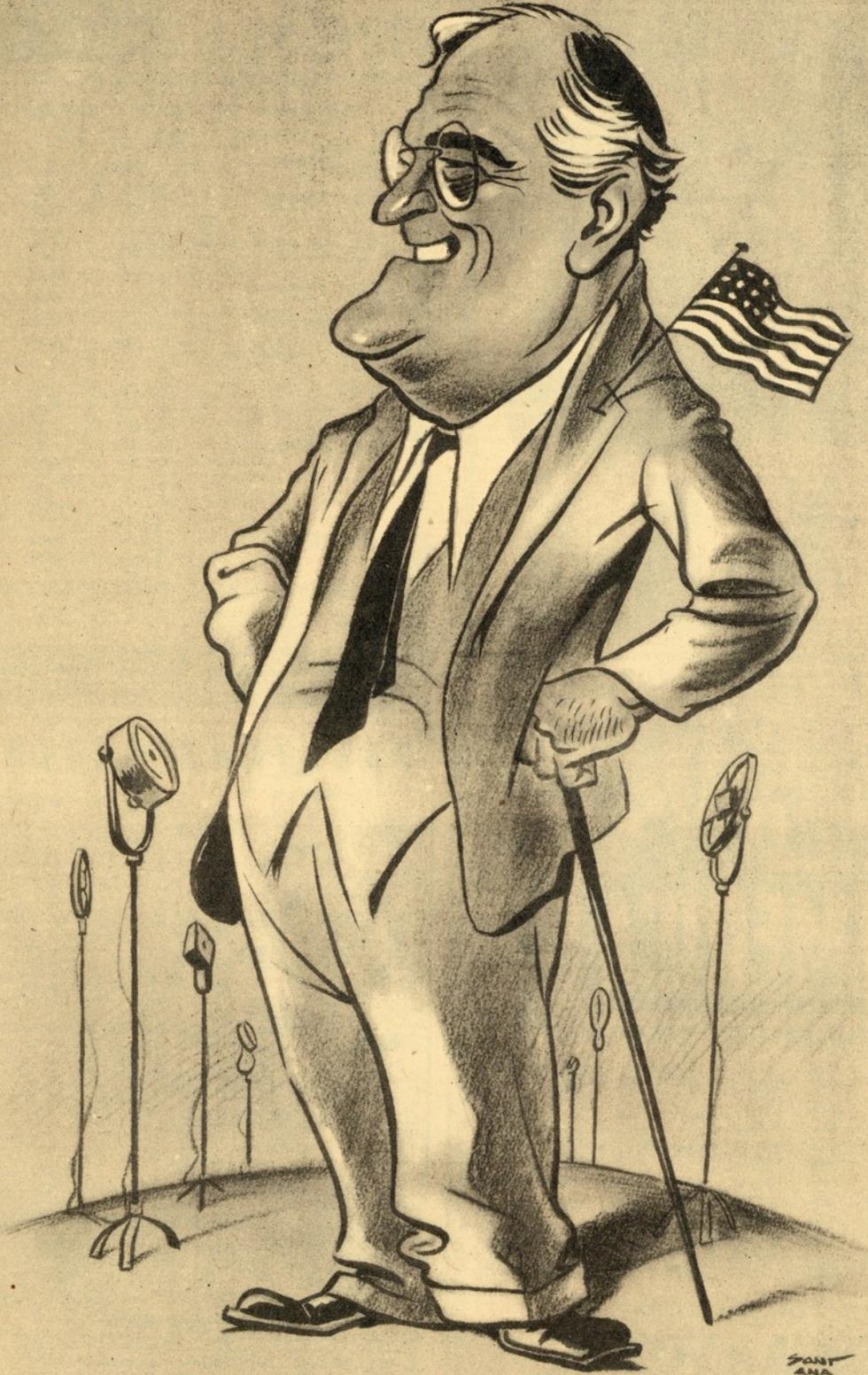


Etlvina Lopes de Almeida



Orlando Setimelli

O Presidente ROOSEVELT,
dos Estados Unidos, visto pelo
caricaturista Santana



UM GRAMOFONE

com o aspecto,
o tamanho e o peso
duma máquina fotográfica
NOVO MODELO

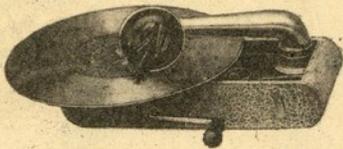


EXCELDA

Motor seguro
Diafragma do último modelo
Sonoridade potente

Tudo condensado no

EXCELDA



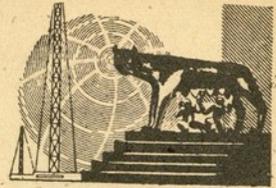
OIÇA-O NOS

Est. VALENTIM DE CARVALHO

R. NOVA DO ALMADA, 97

ESCUTAI

ROMA



NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Horas de Portugal	Programa	Postos	Metros	Kc/s
7.40	Noticiário	2 RO 21	19.92	15060
		2 RO 4	25.40	11810
12.20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 8	16.84	17820
13.30	Noticiário	2 RO 8	16.84	17820
		2 RO 21	19.92	15060
17.00	Noticiário	2 RO 17	15.31	19590
21.00	Noticiário	2 RO 4	25.40	11810
		2 RO 3	31.15	9030
21.40	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 4	25.40	11810
		2 RO 18	30.74	9760
		2 RO 11	41.55	7220
		2 RO 26	48.23	6220
			221.10	ondas médias
23.30	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 19	29.04	10330
		2 RO 18	30.74	9760

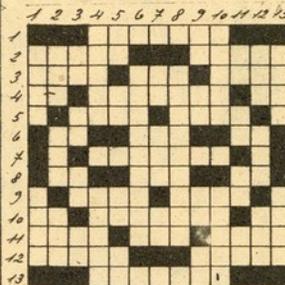
CONVERSÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

21,10	Às domingos	39,80
21,20	Às quartas-feiras	31,41

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 72



ples. 12 — Com asas; Deixar de andar;

13 — Falso.

VERTICAIS: 1 — Projectil com que se carregam armas de fogo; Balbua. 2 — Insignificância; Múgoa; Bom gosto. 3 — Escarneo; Sna; Art. f. (pl.); Parte mais larga da perna das retes. 4 — Bêbeda; Pároco. 5 — Desagradável; Despido; Nota musical; Graça. 6 — Luz intensa e rápida. 7 — Caminhar; Regra; Interj. (Designa dor). 8 — Desabrimento. 9 — Distar; Progredia; Em; Ensejo. 10 — Corajoso; Nome de homem. 11 — Letra grega; Art. m. (pl.); Vincolo; Altas (ant.). 12 — Nome de mulher; Ovário; Luz da los peizes; Altar. 13 — Lódo; Luz da los.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 71

HORIZONTAIS: 1 — Trono; Marte.

2 — Ea; São; Es. 3 — Só; Ia. 4 — Cabelos do rosto do homem; Agrícola. 5 — Combinar; Mostrava-se alegre; Proprietária. 6 — O lado do vento; Preguiça; Abrev. (antes do meio dia). 7 — Nome de homem; Setim. 8 — Entregia; Além; Único. 9 — Lutemos. Rá; Rimar; Lá. 3 — Si; Au. 4 — Opa; 8 — Batráquio; Devoto; Não. 9 — Cura; Imperador romano que incendiou Roma. 10 — Existes; Beato; Adeus. 11 — Bofetada; Escudeiro (inv.); Sim- Estro; Domar.

APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil
Peca folhetos grátis á

ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12

PORTO

“VIDA MUNDIAL ILUSTRADA”, é composta e impressa nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.ª — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. — Distribuidores exclusivos para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.ª — Telefone 2.6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Horas	Estações	Comprimento de ondas	Horas	Estações	Comprimento de ondas
7.45	WCRC	31.1 m. 9650 kc/s	18.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s	19.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
9.45	WRUW	49.6 m. 6040 kc/s	20.30	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s		WDO	20.7 m. 14470 kc/s
12.45	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s	22.00	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
	WDL	30.8 m. 9750 kc/s		WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
13.45	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s	23.00	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s		WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
14.45	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s	00.45	WDL	30.8 m. 9750 kc/s
	WGEA	25.3 m. 11847 kc/s		WDJ	39.7 m. 7565 kc/s
17.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s	01.45	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA

UMA NOITE NO CAMPO PEQUENO

VOLTARAM OS MEXICANOS!

CRÓNICA E DESENHOS DE JAIME DUARTE DE ALMEIDA

Há uma dezena de anos — dirigia ainda o Campo Pequeno o falecido empresário Segurado — numa época em que o entusiasmo do público pela festa brava parecia de tal forma enfraquecido que nem a actuação das mais destacadas figuras do toureio espanhol conseguia interessar, surgiu um novilheiro que teve o condão de transformar as coisas de maneira rápida e completa. A sua maneira de tourear, à base de valentia e faculdades físicas, os seus assombrosos pares de bandarilhas e um tipo especial e característico conquistaram de pronto a «afición» que o viu e aplaudiu vezes seguidas, em tardes de enchente. Esse novilheiro foi «El Soldado» — mexicano de raça e de temperamento.

Como então, surge a figura estranha de Gregório Garcia — outro mexicano de raça e temperamento — com um toureiro tão fortemente emocionante que o público se sente arrebatado, esgotando o «papel» sempre que ele actua.

Sem sombra de dúvida, para conquistar as multidões, não há como esses rapazes do México, toureiros dos pés à cabeça, que sabem como nenhuns outros pôr a coragem ao serviço da «afición». Como «El Soldado», Garcia, pelo seu estilo particular e pela forma como cal no agrado do público, é um verdadeiro filão para os organizadores que desejem «jogar» com o mínimo de probabilidades contrárias. É que está sobejamente demonstrado que Gregório agradará sempre, porque pode com todos os touros, não porque os domine absolutamente, mas porque é sempre mais bravo do que eles. Chega a dar a impressão de que os hastados o temem, tornando-se pequenos, quando a figura do mexicano se agiganta em atitudes soberbas de desafio e sobrançeria.

Depois da corrida de apresentação, tarde a todos os títulos triunfal, apenas esperávamos nova actuação de Gregório Garcia, para dele formar uma opinião definitiva. Essa oportunidade forneceu-a a segunda «nocturna» da temporada, em que, apesar de lhe ter tocado o lote menos mau do mau curro do senhor Cláudio Moura, Garcia nos mostrou, numa ratificação, quanto valoroso é o seu toureiro de capote, quanto decidido e artista é a bandarilhar — como os melhores — e a dificuldade que o toureiro de «muletas» ainda tem para si, nesse tão sério «térreo» em que a boa vontade e a coragem não bastam para cobrir deficiências que só a prática pode suprir. Na passada quinta-feira, Gregório Garcia lanceou à «verónica» com verdadeira beleza, jogando admiravelmente os braços, fez «chicuelinas» lindíssimas e «ressuscitou» o «galeo del bus» que uma grande parte do público recebeu com natural surpresa pois há muito que os toureiros não executam. Bandarilhando, evidenciou tal facilidade e decisão nos seis pares cravados registralmente, que o público interrompeu a lide do sétimo touro, após o segundo «térreo», para o forçar a dar a volta ao redondel, no meio de uma ovação de louco entusiasmo. Com a «muleta», no primeiro touro, conseguiu ligar uma «faena» bonita, com «passes» variados, entre os quais um de «la firma», majestoso. É claro que os aplausos foram clamorosos com volta, flores e prendas.

«Guerrietas», o outro mexicano, é valente e pareceu-nos ser também um toureiro de apreciável temperamento. Sem touros capazes para luzimentos, ficamos à espera de confirmação para os quatro «faróis de rodillas» com que principiou e para uns «pases» de «muletas» de bom sabor toureiro.

Montani, com estilo agradável no capote pouco ou nada fez com adversários que se negaram à luta.

Mas o triunfo não batejou apenas o garboso mexicano: envolveu também os cavaleiros Simão da Veiga e José Casimiro. Simão, no primeiro, esteve enorme na forma como procurou o touro, como o obrigou a investir e como depois agüentou as recargas, levando o animal «toureado» pelos «galeos» admiráveis do ginete. A beleza de que se revestiu a lide era mais que bastante para que a actuação de Veiga se considerasse triunfal; mas como se isso não bastasse, os ferros que cravou foram de mestre e insuperáveis os curtos, tão perfeitos que até nos esquecemos de que era noite, tanta cor e tanta luz irradiavam da arena. No final, a ovação foi grande, não faltando um ramo de cravos para levar a Simão a certeza de que mãos finas de mulher batiam com ardor vibrantes palmas de puro entusiasmo.

José Casimiro, a dar razão às nossas referências na última crónica, esteve à altura de competir com Simão da Veiga, o que equivale a dizer que tem mérito bastante para entrar na primeira fila.

Da lide que deu ao segundo touro, tudo foi verdadeiramente bom, sendo de destacar um ferro comprido e um curto que excederam a marca, pois foram excepcionais — como só o podem fazer os grandes toureiros. O público compreendeu, premiando o trabalho de José com calorosa ovação e volta ao redondel.

Correia merece uma referência muito especial pois está cada vez melhor na brega e Saraiva teve dois pares que nada ficaram devendo ao desembaraço de Sussoni, bandarilhando o quinto.

Houve ainda duas boas pegas-de cara: uma de Arnaldo Pinheiro e outra de Adriano.



Dois momentos emocionantes da «faena» de Gregório Garcia no terceiro touro

STOP

expõe pelos quadros de pintores modernos

Estudio de Artex

R. NOVA DA TRINDADE, 6A, LISBOA

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA DA AMÉRICA

Paquete

«LOURENÇO MARQUES»

Sai para **FILADELFIA**
em princípios de Julho

RECEBE CARGA E PASSAGEIROS

Trata-se:

Em Lisboa: Rua do Comércio, 79 e 85

Telefone 23021 a 23026

No Pôrto: Rua Infante D. Henrique, 73

Telefone 1434

as. 8/f



JULHO entrou surreitamente — nunca se sabe como o tempo passa! — na consciência dos estudantes: é o mês dos exames, o mês em que cada um dos pequenos rapazes e raparigas das escolas tiram da sabedoria acumulada — se estudaram — o proveito de uma boa classificação; se não estudaram — lá está a raposa a espreitar, tão surreiteira como o mês de Julho... A prova é a confissão: o juri ajuíza...